

ACENA MUDA

ANO XXI — N.º 1088

27 DE JANEIRO DE 1942

1200
NA CAPITAL
E
PROESTRADO

BIBLIOTHECA NACIONAL
RIO DE JANEIRO
CONT. LEGAL

BIBLIOTHECA NACIONAL
RIO DE JANEIRO
CONT. LEGAL



O NOVO FILME DE TYRONE



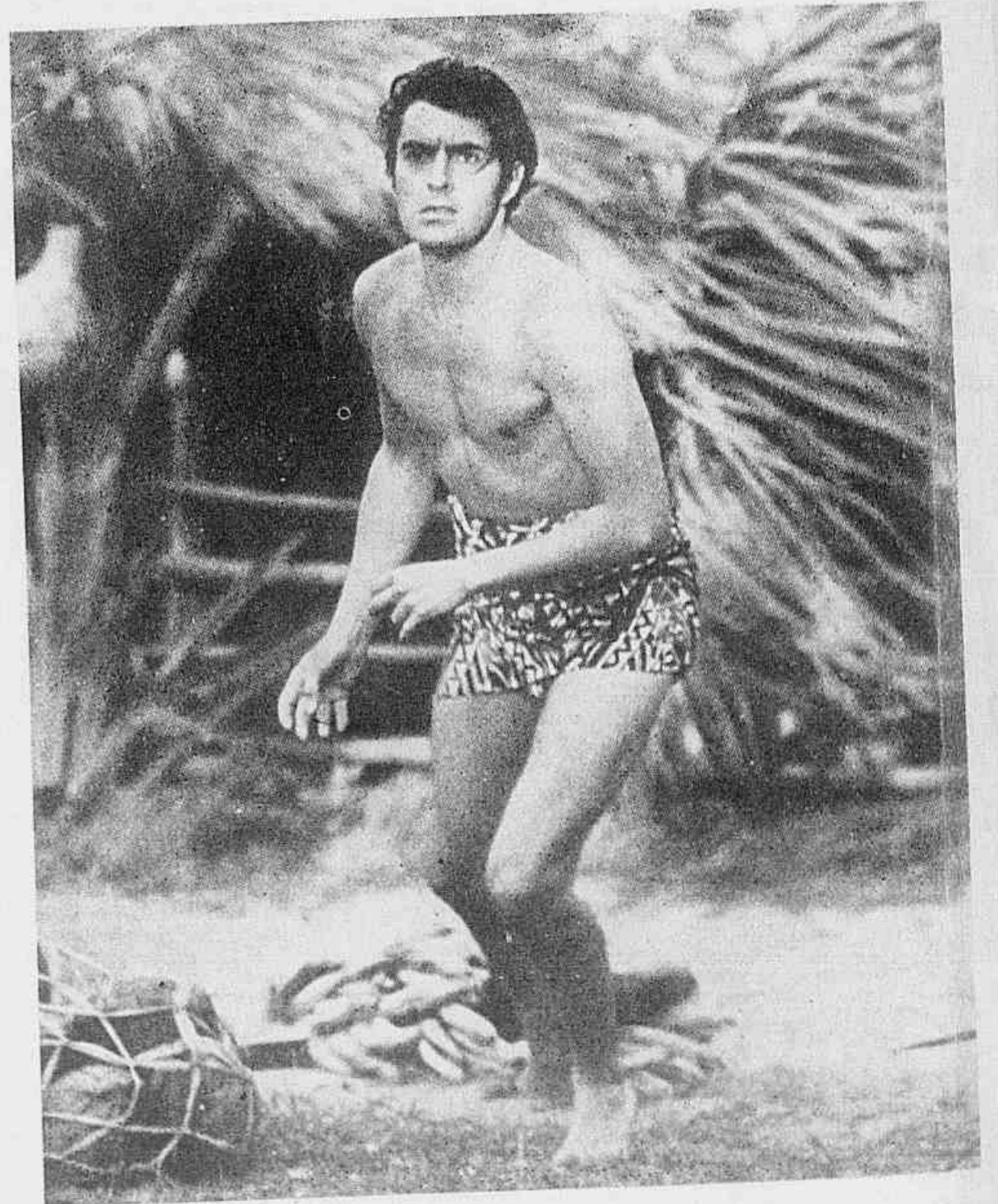
Um romance na alta roda: Tyrone Power e Frances Farmer.

"Son of Fury" é o filme que os estúdios da "Fox" acabam de concluir com um elenco de primeira grandeza, tendo Tyrone Power no principal papel masculino. Nesse filme aparece também a impressionante figura de Gene Tierney, a jovem estrela milionária. Frances Farmer tem nesse filme, belo desempenho, o mesmo sucedendo com George Sanders,

num papel de homem brutal e violento. Nesse filme Tyrone Power usa uma roupa com que apareceu em *Lloyds de Londres*, o filme que lhe deu o título de astro da tela. Damos nesta página alguns flagrantes de "Son of Fury" no qual Tyrone desempenha papéis de alta sociedade e de personagem a "Tarzan".



George Sanders, fidalgo brutal e perverso, dando uma surra em Tyrone Power.



Tyrone Power, transformado num novo Tarzan.

Está em Nova York, em lua de mel, o favorito do publico, Mickey Rooney, casado com a linda artistazinha de dezesseis anos, Ava Gardner. Mickey noivou, faz pouco mais de um mês, e já está amarrado pelos laços do himeneu.

O Rei do Cinema, como tem sido proclamado nestes três últimos anos, através de eleições entre exibidores dos Estados Unidos, deixou de ser artista da classe dos juvenis. Aliás, a esse respeito o casamento de Mickey veio desvendar o enigma de sua idade. Todos dávamos a Rooney uns 17 anos; mas o malandro já estava na casa dos 21... Nos dicionários biográficos de cinematografia, há todas as explicações a seu respeito; menos dia, mês e ano em que veio ao mundo. Mas não é somente ele que faz isso. Judy Garland, por exemplo, não declara esse segredo.

Perde o cinema um dos seus astros juvenis. Trará essa circunstância o encerramento de Mickey como o estouvado Andy da família Hardy? Sim, pois não se poderá mais admitir que esse *senhor* continue ainda a figurar entre os meninos prodígios, tomando parte em filmes ao lado de Virginia Weidler e outras crianças, como sendo mais ou menos da mesma idade.

As diabruras do incorrigível filho do Juiz Hardy, ou terão agora seu fim, ou então precisam ser dirigidas num sentido mais lógico diante da análise pública. De qualquer forma, Mickey perde uma de suas mais curiosas características, como ator inimitável, dentro de sua especialidade, o que lhe tem valido o título de Rei da Tela.

A surpresa maior nesse casamento, não foi, porém, o divulgarmento da idade de Rooney; o que provocou admiração, foi a escolha que Mickey fez, á surdina, sem dizer nada a ninguém. Todo mundo, tanto aqui como lá, pensava que o jovem Yule Jr. terminasse casando com sua namorada cinematográfica, Ann Rutherford. E como eles fariam um par delicioso e harmonico! Mas o garoto driblou todo mundo e nos vem casado com uma senhorita muito linda e de cartaz na arte de representar no palco, desfazendo o palpite universal de que o astro terminaria nos braços de sua ciumenta Polly das comédias da Família Hardy.

Está desviado o destino do rapaz. Agora, tem a MGM que lhe arranjar argumentos compatíveis com seu estado civil e situação de chefe de família. Que graça teria Mickey Rooney repetindo as extravagâncias de sua juventude, repreendido pelo juiz e brigando com sua namorada Polly? Evidentemente a serie Hardy, cujo mais recente filme é "Andy Hardy Cava a Vida" (Life Begins for Andy Hardy) tem que desaparecer, ou sofrer profunda modificação no sentido de situar Mickey em outro plano. Mas, com certeza, isso seria um remendo desaconselhável, pois o *pivot* da sequencia, o sucesso desses filmes reside precisamente nas extravagâncias do rapaz. Sem isso, a serie é absolutamente insuportável.

Com Mickey Rooney vai suceder o que já vimos com Deanna Durbin após seu casamento. Qualquer filme com aqueles argumentos de menina prodigio, de garota de voz prodigiosa, será ridiculo. Deanna é agora Mrs. Vaughn Paul e tem que ingressar na orbita das senhoras casadas incompatíveis com as criancices daquela encantadora epoca de "Cem Homens e uma Menina", o mais belo filme de toda a carreira de Deanna.

Felizmente Mickey Rooney tem dado provas de que não depende exclusivamente de filmes-comédias do tipo da serie Hardy. Ele possui talento dramático bastante para manter-se no elevado cartaz de Rei do Cinema. Todos vimos o que foram os dois trabalhos da sequencia de "Boy's Town", dramas empolgantes, nos quais Mickey teve de sustentar sua "performance" ao lado desse gigante da tela

O CA SA MEN TO DE

MICKEY ROONEY



o maior artista do cinema: Spencer Tracy. E triunfou, o garoto levado. Estejam tranquilos os fãs de Mickey Rooney. Seu casamento e sua idade de 21 janeiros, o que podem causar é o cancelamento da serie paulificante, para beneficio de Mickey e de todos nós. Agora é que vamos ver o verdadeiro Joe Yule Jr. na interpretação de argumentos fortes, belos, emocionantes. Não sei se cabe aqui aquele ditado francês: "A quel que chose malheur est bon..."

Quatorze.

Artistas de Teatro e

Itala Ferreira é, verdadeiramente a única atriz generica do Brasil. Expressivamente talentosa, um espirito vivissimo, modelando uma graça particular em todas as suas expressões, ninguém poderá contestar os meritos inconfundiveis dessa formosa atriz. Desde muito joven Itala estrejou todos os generos teatraes. Comediante, figura gra-

ciosa do teatro de revista, cantando e dansando o tango argentino, a rumba cubana, o fox americano, mestra do samba, não há segredos para a Itala nos meandros artisticos do teatro. Pessoalmente, a sua figura é das mais fascinantes. Ela é bahiana. Teve a fortuna de nascer na terra do Bomfim, e, por isso, talvez, Itala possui um it matador.

Contam os seus comentaristas das duas mil paixões de amor, que essa atriz tem inspirado a creaturas de conhecida gravidade moral. Há quem afirme, terem ocorrido dous suicidios, por amor da querida e insigne Itala Ferreira. E há razões para este desespero amoroso em torno a sua figura. Palestradora diabolica, movimentando uma inte-

ligencia rara, profundamente ironica, Itala deve ter conhecido bem de perto a escola de Machiavel. Não lhe passam despercebidos nem mesmo o zumbir dos insectos ou o adejar de um beija-flôr. É uma prescrutadora incrível, uma psicologa admiravel, uma literata, que, ainda não se revelou por falta de tempo ou uma criminosa displicencia. Tudo tem realizado. As vitorias lhe sorriem candidamente. Conseguiu, mesmo, ludibriar a Chronos, que se esqueceu de lhe contar os anos de existencia. Itala conserva-se joven através do tempo. Quem descobrirá, na expressão angelica da sua fisionomia de colegial, a vovózinha meiga que ela sabe ser? Linda avozinha de olhos ardentes, bôca florida, sorriso encantado, Itala conseguiu o privilegio de uma linda, eterna mocidade. Diariamente, recebe cartas e cartas de creaturas vaidosas, que desejam saber o seu perfumista, a sua clinica de beleza, a sua receita de mocidade. E, ela responde, sorrindo um daqueles seus sorrisos floraes, mostrando as perolas dos seus trinta e dous dentes, que o segredo da sua juventude é a alegria do seu espirito.

Falei, deslumbradamente, de Itala Ferreira e ainda não contei do seu temperamento desperdiçadamente amoroso, delicado, sensível. Itala será capaz de amar a todos os amores do Universo para agradar a Cupido. E, vôa, de flôr em flôr, sobre as graças da existencia, gozando todas as delicias que se lhe deparam, servindo a propria vida, no direito humano de saber viver para integrar o direito logico de saber realizar um destino digno. Aí deixo um retrato psicologico de Itala Ferreira.

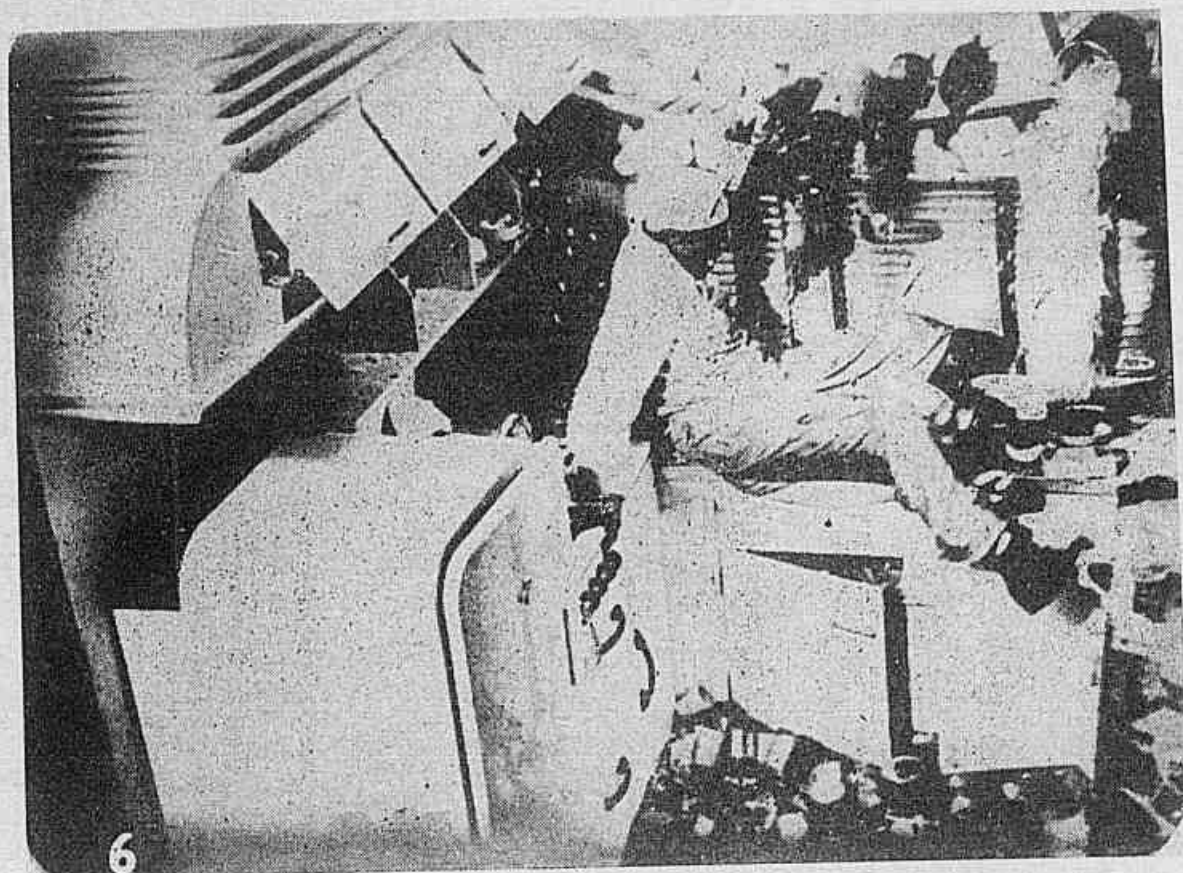
A atriz é das mais illustres que o Brasil já possuiu em todos os tempos.

O seu repertorio teatral tem sido generico. Fazendo a comedia teve grandes papeis e grandes oportunidades. Desde o *Trianon*, ao lado de Procopio, na peça *Cala a bôca, Etelevina*, até ao seu successo definitivo na grande peça de R. Magalhães Junior, *Carlota Joaquina*, Itala revelou os seus meritos de artista. E fazendo a revista, obteve successos notaveis. *Dondoca no Catete* fôra uma revista que marcou varias centenas de representações. Equando, no *Teatro Recreio*, encabeçava um elenco de revistas, foi cedida por Luis Igrezias a Jayme Costa para estrear a Companhia Jayme Costa. E fui eu quem aproximou Itala Ferreira de Jayme Costa, numa memoravel noite de festas num dos Casinos da cidade, devendo-me Jayme Costa a estrela, que tem trazido a sua Companhia de Comedias tantas palmas e ao seu mealheiro centenas de notas verdes de quinhentos mil reis.

A atuação de Itala Ferreira no teatro generico é das mais brilhantes. Caracterizada, fazendo um tipo, ninguém a reconhecerá. E, ás vezes, faz as ingenuas, com uma doçura que rivaliza com a atriz francesa Madelaine Ozarai do



ITALA FERREIRA



6
Meleu-se num carro desconhecido, e como os seus seguidores tiveram que correr muito para alcançá-lo, a cozinha que conduziam ficou em pandarecos...



9
Sullivan diz à jovem que, há muito tempo, fora famoso diretor, e promete apresentá-la a alguns amigos, já que a moça deseja tornar-se artista de cinema. No próprio auto que ela supõe ser roubado...



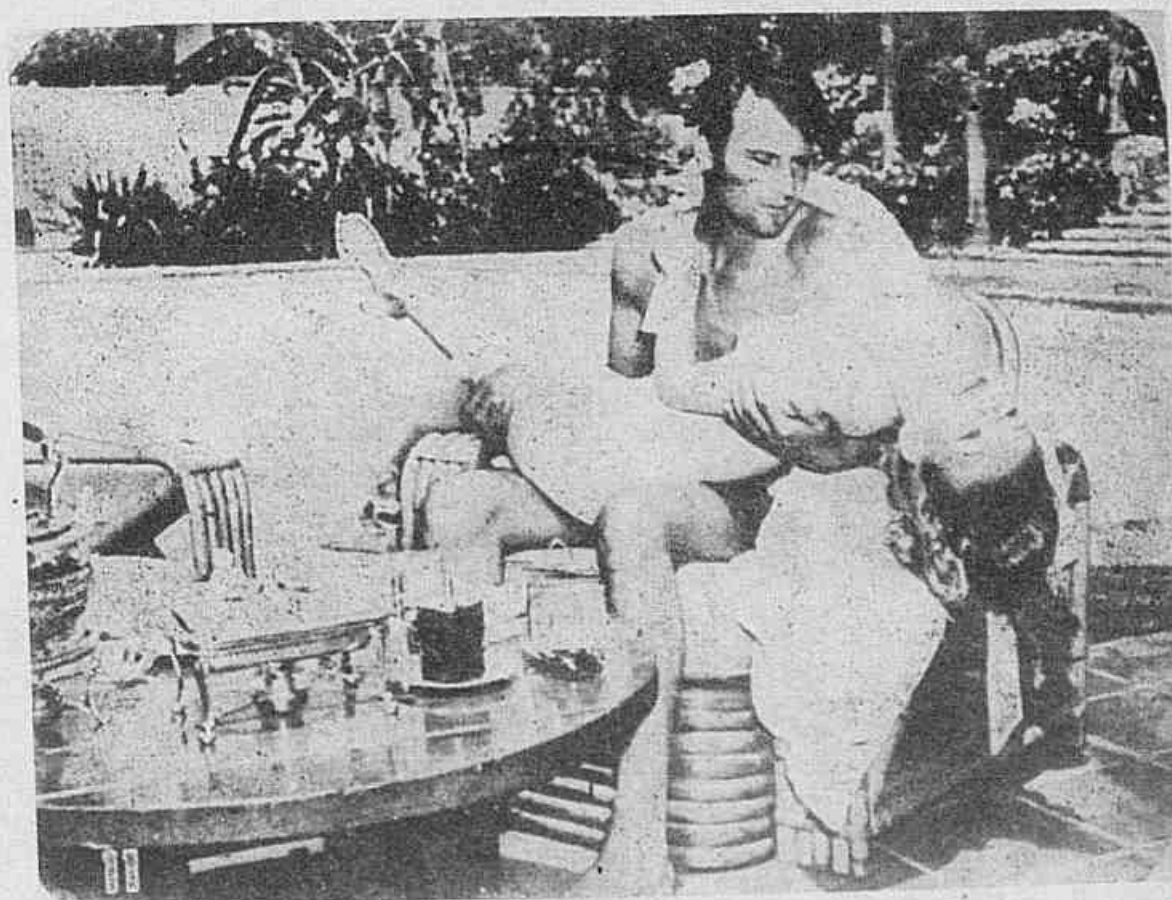
Só assim consegue livrar-se do seu "staff" e busca trabalho em casa de uma viúva que se enamora dele. Uma noite trata de fugir, servindo-se de uma corda improvisada, descendo da janela de seus aposentos para o pátio.



...vão à esplendida residência de Sullivan, onde ele lhe conta toda a verdade. A moça se indigna e o empurra na água da piscina.



8
Um chauffeur de caminhão se apieda dele e o conduz... novamente a Hollywood. Ali, em restaurante conhecido como dos mais económicos, encontra uma linda jovem que, simpalizando com ele e procurando ampará-lo na desgraça, se prontifica a pagar-lhe a refeição.



Mas, dentro de poucos momentos a indignação da jovem passa e ela faz as pazes com o extravagante Sullivan, terminando por pedir-lhe que a leve consigo em sua expedição de vagabundo.

(Continuação)

III

"UM SAPO CASADO"

Tio Urubú voou para o Ceará. No sertão do Cariri, havia um sapo casado que estava passando mal com a companheira, na seca que torturava quasi todo nordeste brasileiro.

Ceará, este pedaço singular do setentrião brasileiro, pelo martirio da fome e pela dor, prolifera heróis. Nos flagelos das secas, com o seu cortejo calamitoso de epidemias, apresenta o triste espetáculo das procissões de maltrapilhos tiritantes de fome, sede, febre, e torturados pela nostalgia.

Convertidos em queimada imensurável, dão os campos a ficção, a idéia do inferno, em labaredas, sem se notar a flor de um só sorriso, o canto de solitário passaro, a alegria de uma unica folha verde, mal se apurmando uma ou outra arvore secular com os galhos despídos, como braços mirrados dos pobrezinhos famintos, apresentando tudo isso cenas impressionantes, tristes quadros de miseria.

Tio Urubú topou com o casal de sapos, muito triste, muito encolhidos, e aconselhou-lhes:

— Por que não vão vocês para a Bahia?

Lá terão agua para beber, para se banhar, para nadar, para tudo que vocês quiserem.

Vão-se embora daqui, que eu os acompanharei. Estarei com vocês em qualquer dificuldade que surja na viagem. Vão-se embora daqui...

E o sapo resolveu mudar-se, levando consigo a gia. E por ali

se foram, ora se arrastando, ora pulando, em demanda da Bahia.

Na encosta de um morro, depois de muito caminharem, deram á casa do teiú.

E disse o sapo, cantando:

— O' de casa!

Respondeu o teiú, cantando:

— O' de fora!

— Venho pedir um favor: um rancho por caridade não nos dará, meu senhor?

E o teiú, cantando:

— Não senhor, não pode ser; a casa é muito pequena, e não nos há de caber.

— Minha mulher, meu senhor, por acima e abaixo andarmos, receio que dê á luz, antes de a um rio chegarmos.

— Venha cá! Mas venha cá! Quero dizer-lhe um segredo: parece ser sua avó essa bicha que faz medo!

— Minha avó, meu bom senhor, há muito que já morreu; esta pois, que está com dor, é a mulher que Deus me deu.

— Visto isso, podem entrar. Mas entrem com bem recato. Desculpem alguma falta pois isto é casa do mato. E não façam cerimonia. Estão em casa de pobre.

E a gia já contestou, cantando na mesma toada do sapo e do teiú:

— Mas a hospedagem é nobre! Em casa tão boa assim nunca morei. Ai de mim!

Orgulhoso, agradecia o teiú:

— Mui grato. Vão descansar Eu me levanto mui cedo; tenho que a vida ganhar.

Deu boas-noites. Desceu para o seu quarto.

A gia durante a noite, com pouca dor, teve o seu feliz parto. E logo que se despachou, de vagarzinho, coaxando, ela chamou o marido e foi logo consultando:

— Que seja nosso compadre, marido, que achas tu?

E o sapo respondeu baixinho:

— Só devemos convidar o nosso amigo teiú.

Assim que a Aurora rompeu, o teiú subiu a escada; e deu bons dias ao sapo, sem ainda saber de nada.

E a gia perguntou-lhe, cantando:

— Meu senhor, terá prazer de nosso amigo ser?

— Oh!... Dona gia, pois não! Aos seus bons serviços me acho; porém peço me dizer se é femea a cria ou se é macho.

— E' machinho pelo jeito que está bem verificado; pois, no instante em que nasceu, cantou minueto afinado!!

— Queiram então me dizer: Precisam de ama de leite e de uma rêde ou colchão onde o pequeno se deite?

— Com certeza ama de leite ele precisar não vai, pois, quando faltar o meu, pode beber o do pai!

— Qual o quê!... O meu compadre? E ele dá leite tambem?

— Batendo nas costas dele, dá leite como ninguém.

E prosseguiu o teiú:

— No dia do batisado, nós vamos dar um banquete; porém não se há de cantar, salvo se fôr em falsete.

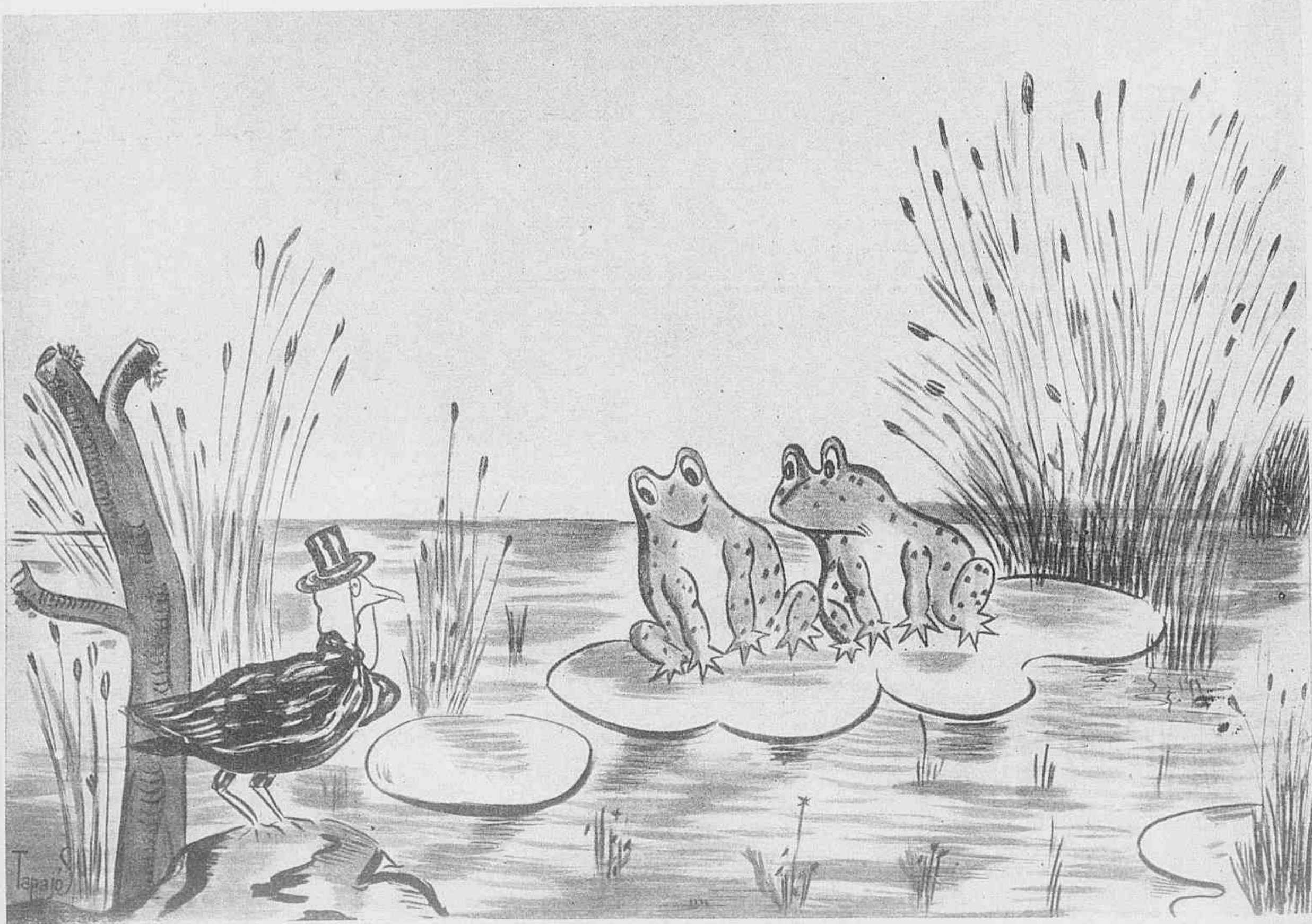
Mesmo assim, tudo baixinho que se não ouça lá fora, para não ir a zoadá aonde um tal cachorro mora.

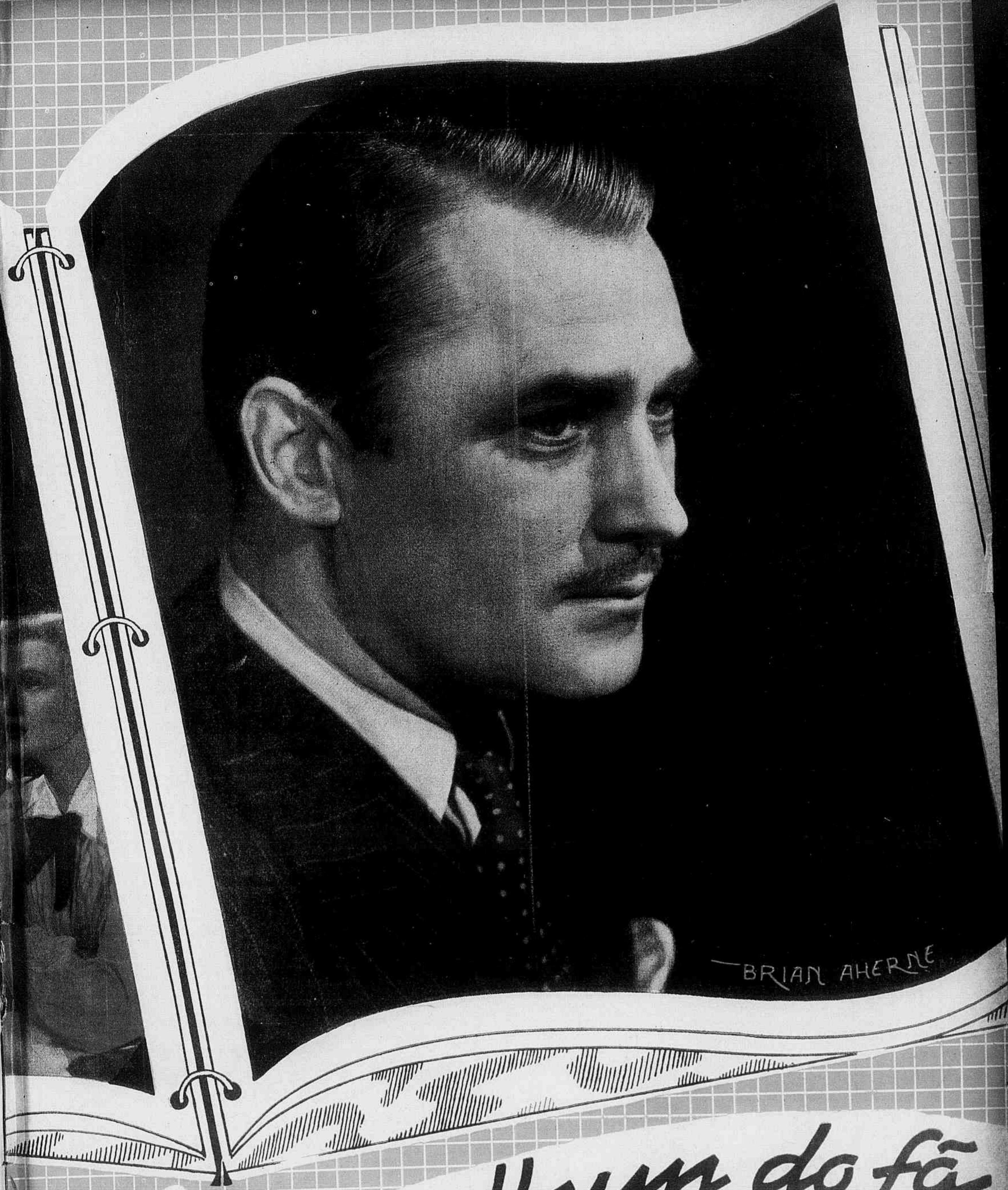
E então vão me dar licença, que o sol está já esquentando; vou para a estrada marchar porque a certo negocio ando.

E disse a gia e disse o sapo:

— O' meu compadre, pois não! Que Deus o livre do cão!

(Continúa na página 30)





BRIAN AHERNE

para o album do fã

BRIAN AHERNE

BRIAN DE LACY AHERNE, nasceu a 2/5/902 em King's Norton, Worcestershire, England. Na idade de três anos fez sua estreia no palco, numa produção de amadorismo de sua mãe, tendo daí por diante interpretado varios e constantes papeis teatrais pelo espaço de seis a sete anos.

Enviado pelos pais a Londres, quando tinha Aherne dez anos, para aperfeiçoar-se na arte teatral sob a direção de grandes mestres como Italia Conti, o jovem artista fez rapidos progressos, mas, inesperadamente se revoltou com os estudos e recusou prosseguir no curso de seus aperfeiçoamentos teatrais.

Um ano mais tarde, depois de haver estudado o suficiente para matricular-se numa escola secundaria, entrou no Malvern College.

Quando finalmente deixou seus livros colegiais, já portador de cultura solida e variada, conseguiu um emprego no escritorio de um arquiteto, sendo logo depois enviado a Liverpool para completar seus conhecimentos da materia numa companhia do oeste africano.

Após ter cumprido sua missão, voltou a Londres, disposto a ficar na capital inglesa, se pudesse colocar-se como desejava; mas, ao que parecia, sua estrela para o comercio não queria brilhar muito e ele teve que desistir de escritorios e arquiteturas.

Foi então que procurou resolver seu caso e se encaminhou novamente para o palco, até que algo melhor e definitivo lhe surgisse diante dos olhos.

Por excepcional felicidade, o primeiro agente teatral que dele se aproximou, colocou-o num pequeno

papel da peça "Paddy, the Next Best Thing". O sucesso foi enorme e, logo depois, coube a Brian a tarefa de organizar os elencos das peças, passando ele a ser considerado uma figura de proeminente valor na seara teatral.

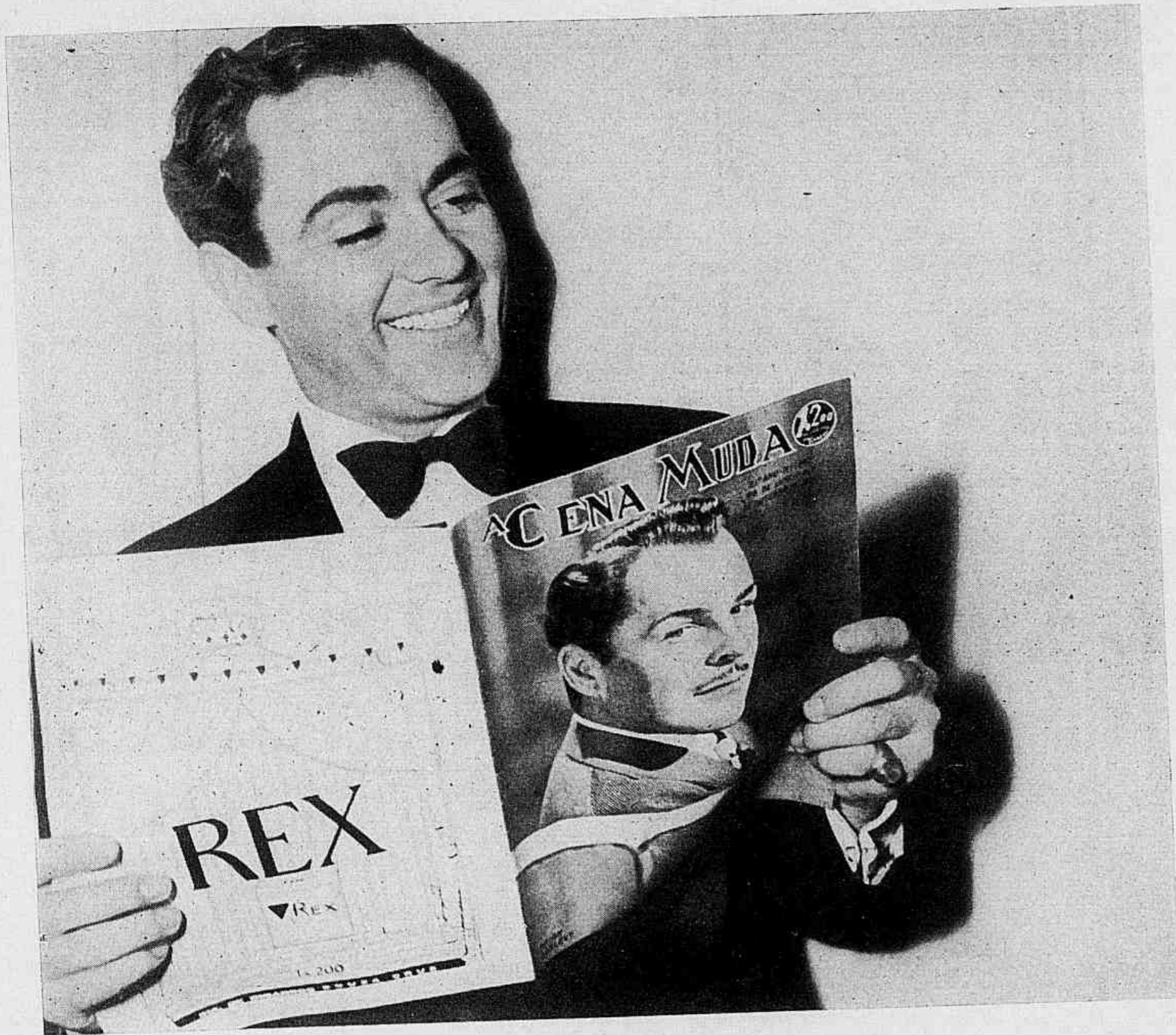
Estavamos em 1923. Enquanto ele estava no auge de seu sucesso em Londres, entrou tambem na seara do cinema tornando-se então um dos mais destacados artistas do filme silencioso. Trabalhava alternadamente no cinema e no palco, e, muitas vezes em ambos simultaneamente.

Em 1924 seu nome atravessou o oceano e chegou aos Estados Unidos. Não tardou que Guthrie McClintic, produtor da Broadway, convidasse-o para ir a Nova York trabalhar como galã de Katharine Cornell. Depois de grandes exitos na Broadway, Hollywood reclamou sua presença diante das "cameras", iniciando-se ele no cinema norte-americano com o mesmo sucesso já anteriormente alcançado em sua patria.

Em 1933 trabalhou com Marlene Dietrich no filme "Song of Songs", da Paramount.

Esse astro tem de altura seis pés e duas polegadas. Cabelos castanhos e olhos azuis. Já tem atuado em varias das maiores companhias de Hollywood; aprecia muito o tenis, golf, equitação e passeios de aeroplano. Possui seu avião particular e ele mesmo o pilota, já tendo atravessado o país por varias vezes.

E' casado com Joan Fontaine. Seus ultimos filmes têm agradado muito, especialmente "Meu filho, Meu Filho", da United, "O Homem que se perdeu", da Universal, etc.



«A CENA MUDA» E OS ASTROS

Buddy Rogers, popular mestre de orquestra e artista de cinema, distrai-se a ler um dos últimos números desta revista, entre cenas do filme "Mexican Spitfire at Sea" para a R K O, ao lado da apimentada Lupe Velez.

Em baixo :

Anne Shirley e George Murphy teem «A Cena Muda» entre cenas do filme da R K O, "The Mayor of 44th Street", com Richard Barthelmess e John Merrill.

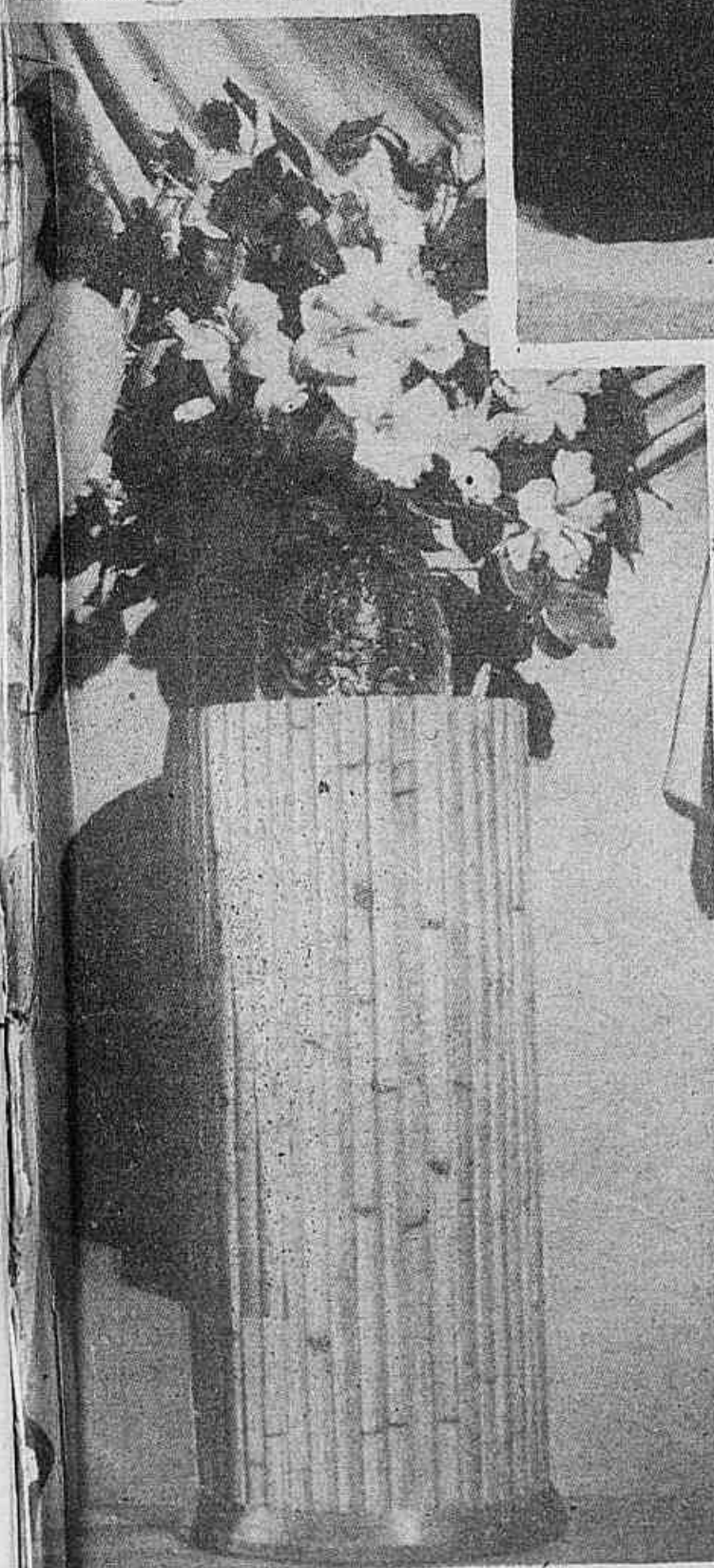
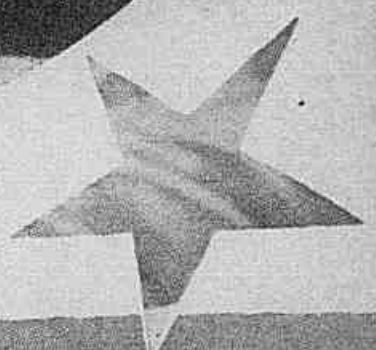




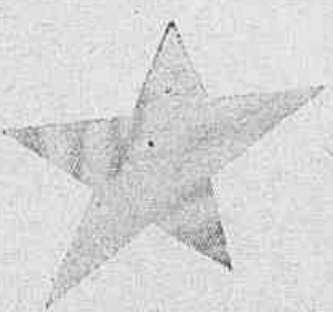
NANCY KELLY



Nan Grey com uma inédita criação da grande figurinista Edith Head.



Barbara Stanwick com seu vestido favorito. É de crepe negro, talho simples tendo como unico enfeite: originais espigas bordadas com lentejoulas douradas.



A direita — Desenhado por Milo Anderson, Priscila Lane nos apresenta este belo modelo azul marinho, muito proprio para os nossos claros dias de sol primavera. A pequena gola é de seda listada de cores vivas.



O SEU MODELO

WILLY FORST,

o realizador de "Sinfonia Inacabada", foi quem encenou "A rainha da opereta" ---- super-produção musical Wien-Film para a Tobis.

Franz Jauner, o famoso rei da opereta vienense, homem elegante, ali está, sentado à mesa do Casino, a jogar, mas sem que se possa dizer que seja êle, tal o estado de desalinho. Sente-se que êle joga para esquecer... Tudo por causa de uma mulher, Marie Geistering, que êle adorava e por quem tudo fizera. Marie, a rainha da opereta, linda e artista, ídolo do povo... Marie, a quem êle amava, acabava de abandoná-lo. Entretanto êle ajudara a subir aquela criatura, para quem chegara mesmo a comprar a «Opera Cômica». Ia mesmo mudar o nome desse teatro para «Eden», o seu paraíso, onde estaria sempre a vê-la. Mas Marie o abandonara e, por isso estava ali, sentado à mesa de jôgo, jogando e ganhando. Entretanto Franz é casado com a infeliz Emmi, que êle por sua vez esqueceu. Boa e compassiva, ela o espera — é o que ao jogador diz o amigo Alexander Girardi, aliás nome admirado em Viena. Ele procura arrancar o amigo daquele lugar, pois que precisa velar pelo seu teatro, o Ring-theater. Procura e consegue. Leva-o para casa...

E, naquela mesma noite volta à casa e convida a espôsa a acompanhá-lo ao teatro. Emmi está radiante. Está encantadora naquela *toilette* que vestira especialmente para agradar ao marido, para reconquistá-lo. Tudo faz para isso, mas sente que mais uma vez o marido não repara em seus encantos, e a deixa naquele camarote, sozinha... Ele volta para o casino. Joga e ganha novamente, como que insensível ao mais que o cerca, até que uma voz lhe chega aos ouvidos... Estão a gritar: «Incendio no Ring-

theater!». Ele se levanta. Sua fisionomia se ilumina. No Ring-theater. E Emmi? No dia seguinte os jornais descreviam as cenas horríveis desse

pavoroso incêndio. Todos acusam Franz como responsável, e êle que antes era o ídolo do povo, serve de chacota quando passa.

Franz Jauner caíra do seu pedestal...

A vida desse homem, episódio real, com a sua ascensão à ribalta; suas lutas com a rival Geistering, seus amores com a conhecida «estrela», sua queda e seu infortúnio, tudo se espelha no argumento de «A rainha da opereta», produção da Wien-Film para a Tobis com cenário escrito por Willy Forst e Axel Eggelbrecht. A vida e a atuação artística de Franz Jauner se mesclam ao nascimento da verdadeira opereta vienense. Os motivos do enredo e as personagens principais são de cunho histórico, sendo porém de livre criação o desempenho e as relações das diversas figuras apresentadas.

Willy Forst faz o papel de Jauner e se encarrega da direção de cena. No elenco encontram-se Paul Hoerbiger, Leo Slezak, Siegfried Breuer, Curd Juergens, Trude Marlen e dois novos talentos: Marie Holst, do Burgtheater e Dora Komar, da O'pera de Viena. «A rainha da opereta» mostra também as figuras de três grandes compositores: Johann Strauss, Karl Milloecker e Franz Suppé, respectivamente criadores das operetas «O Morcego», «O Estudante Mendigo», e «Fatinizza». Valiosa é a colaboração da Filarmônica de Viena e do seu famoso corpo de bailados.



ELENCO:

Danny — William Holden
 Tod — Glenn Ford
 Thorpe — Edgar Buchanan
 Tennessee — Andy Tombes
 Comstock — Edmund MacDonald
 Comprador de gado — Harrison Green
 Bolezeiro — Merlin Nelson
 Botequineiro — George Lloyd
 Auxiliar do Sheriff — Ralph Peters
 Windy Miller — George Bancroft
 Mike — Claire Trevor
 Lashan — Addison Richards
 Capangas de Lashan — Carlton Young, Jack Ingraham, Carl Se-puvelda, Art Mix, James Power, Walter Robbins.
 Sheriff — Don Beddoe

♦♦♦♦
 A guerra civil entre o norte e o sul, estava no seu termo. As tropas do general Lee já estavam em situação vexatoria, e Grant, o comandante do exercito do norte, tomara todas as posições importantes para decidir a sorte da luta numa batalha campal.

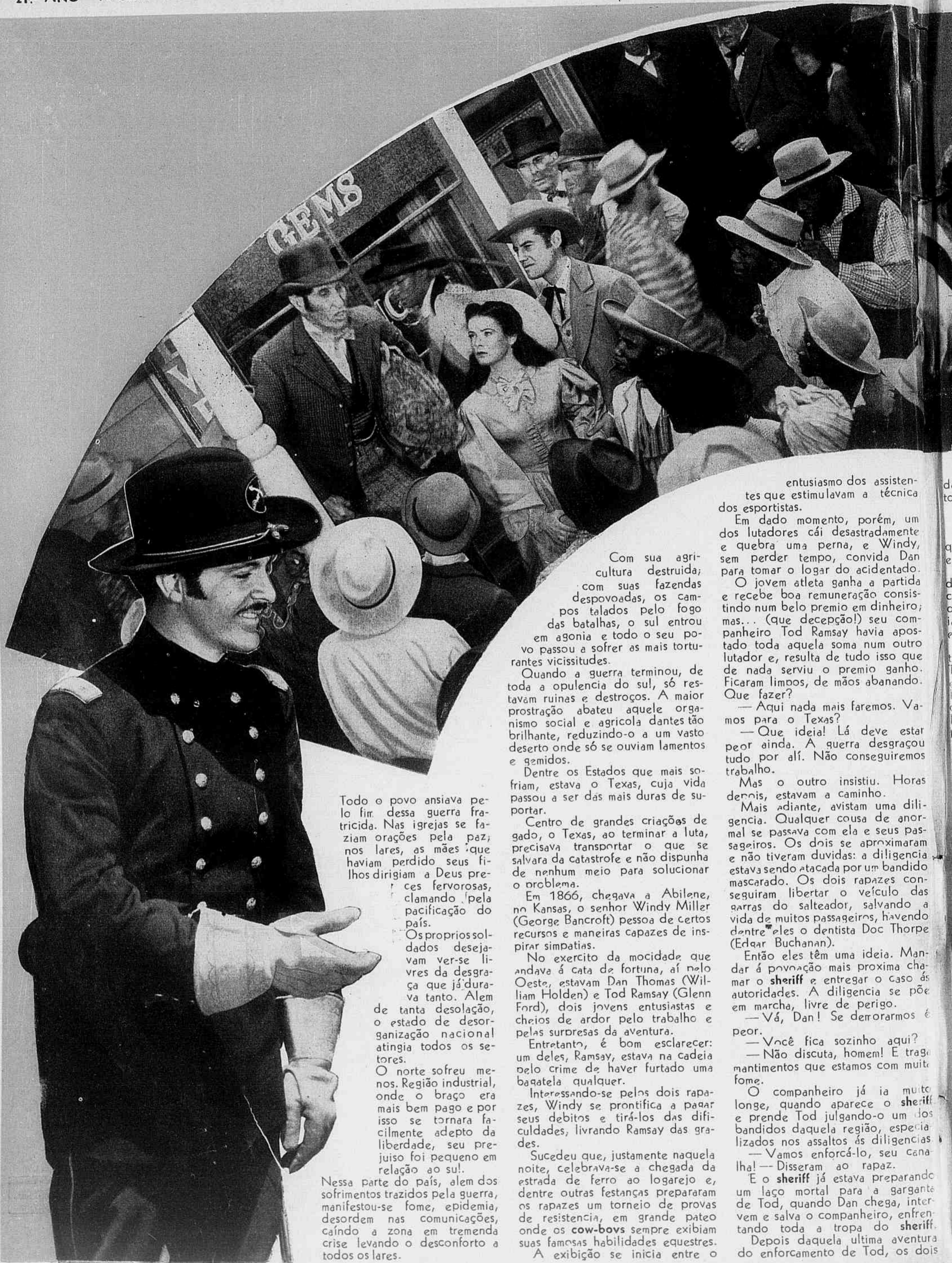


Formosa BANDIDA

Nome original: — «TEXAS».
 Filme da Columbia, direção de
 George Marshall

Tradução e novelização de RE-
 NATO DE ALENCAR

Cine
ROMANCE



Todo o povo ansiava pelo fim dessa guerra fratricida. Nas igrejas se faziam orações pela paz; nos lares, as mães que haviam perdido seus filhos dirigiam a Deus preces fervorosas, clamando pela pacificação do país.

Os próprios soldados desejavam ver-se livres da desgraça que já durava tanto. Além de tanta desolação, o estado de desorganização nacional atingia todos os setores. O norte sofreu menos. Região industrial, onde o braço era mais bem pago e por isso se tornara facilmente adepto da liberdade, seu prejuízo foi pequeno em relação ao sul.

Nessa parte do país, além dos sofrimentos trazidos pela guerra, manifestou-se fome, epidemia, desordem nas comunicações, caíndo a zona em tremenda crise levando o desconforto a todos os lares.

Com sua agricultura destruída; com suas fazendas despovoadas, os campos talados pelo fogo das batalhas, o sul entrou em agonia e todo o seu povo passou a sofrer as mais torturantes vicissitudes.

Quando a guerra terminou, de toda a opulência do sul, só restavam ruínas e destroços. A maior prostração abateu aquele organismo social e agrícola dantes tão brilhante, reduzindo-o a um vasto deserto onde só se ouviam lamentos e gemidos.

Dentre os Estados que mais sofriram, estava o Texas, cuja vida passou a ser das mais duras de suportar.

Centro de grandes criações de gado, o Texas, ao terminar a luta, precisava transportar o que se salvara da catástrofe e não dispunha de nenhum meio para solucionar o problema.

Em 1866, chegava a Abilene, no Kansas, o senhor Windy Miller (George Bancroft) pessoa de certos recursos e maneiras capazes de inspirar simpatias.

No exercito da mocidade que andava á cata de fortuna, aí pelo Oeste, estavam Dan Thomas (William Holden) e Tod Ramsay (Glenn Ford), dois jovens entusiastas e cheios de ardor pelo trabalho e pelas surpresas da aventura.

Entretanto, é bom esclarecer: um deles, Ramsay, estava na cadeia pelo crime de haver furtado uma baquetela qualquer.

Interessando-se pelos dois rapazes, Windy se prontifica a pagar seus débitos e tirá-los das dificuldades, livrando Ramsay das grades.

Sucedeu que, justamente naquela noite, celebrava-se a chegada da estrada de ferro ao logarejo e, dentre outras festanças prepararam os rapazes um torneio de provas de resistência, em grande pateo onde os cow-boys sempre exibiam suas famosas habilidades equestres.

A exibição se inicia entre o

entusiasmo dos assistentes que estimulavam a técnica dos esportistas.

Em dado momento, porém, um dos lutadores cái desastrosamente e quebra uma perna, e Windy, sem perder tempo, convida Dan para tomar o lugar do acidentado.

O jovem atleta ganha a partida e recebe boa remuneração consistindo num belo prêmio em dinheiro; mas... (que decepção!) seu companheiro Tod Ramsay havia apostado toda aquela soma num outro lutador e, resulta de tudo isso que de nada serviu o prêmio ganho. Ficaram limpos, de mãos abanando. Que fazer?

— Aqui nada mais faremos. Vamos para o Texas?

— Que ideia! Lá deve estar pior ainda. A guerra desgraçou tudo por aí. Não conseguiremos trabalho.

Mas o outro insistiu. Horas depois, estavam a caminho.

Mais adiante, avistam uma diligência. Qualquer coisa de anormal se passava com ela e seus passageiros. Os dois se aproximaram e não tiveram dúvidas: a diligência estava sendo atacada por um bandido mascarado. Os dois rapazes conseguiram libertar o veículo das garras do salteador, salvando a vida de muitos passageiros, havendo dentre eles o dentista Doc Thorpe (Edgar Buchanan).

Então eles têm uma ideia. Mandar a provação mais próxima chamar o **sheriff** e entregar o caso às autoridades. A diligência se põe em marcha, livre de perigo.

— Vá, Dan! Se demorarmos é pior.

— Você fica sozinho aqui? — Não discuta, homem! E traga mantimentos que estamos com muita fome.

O companheiro já ia muito longe, quando aparece o **sheriff** e prende Tod julgando-o um dos bandidos daquela região, especializados nos assaltos às diligências.

— Vamos enforcá-lo, seu canalha! — Disseram ao rapaz.

E o **sheriff** já estava preparando um laço mortal para a garganta de Tod, quando Dan chega, intervem e salva o companheiro, enfrentando toda a tropa do **sheriff**.

Depois daquela última aventura do enforcamento de Tod, os dois



decidiram separar-se, tomando cada um o seu caminho.

— Adeus, amigo...

— Seja feliz, Dan...

Estavam emocionados. Muito se queriam e aquela separação lhes era, de qualquer forma, dolorosa.

A sorte agora ia ser a construtora da vida de cada um, sem repartir com eles, equitativamente, tudo o que viesse a acontecer. Cada qual ia dispor de sua vida como bem entendesse.

Dan tem oportunidade de encontrar-se com Mike King (Claire Trevor); Tod, encontra casualmente, em um certo momento, a Durty King (Joseph Crehan) e este, agradecido pelos serviços que o moço lhe prestara, além de muito simpático com ele, convida-o para ir morar em seu rancho.

A esse tempo, Dan chega a Windfall, no Texas. Tudo estaria muito bem se o **sheriff** não tivesse a argúcia de reconhecer naquele recém-chegado o mesmo rapaz, que, com outro, praticara aquela proeza no enforcamento de Tod.

— Já Dan pagar, agora, toda a sua esperteza.

— Eh, você aí... — gritou o **sheriff**.

— Comigo?

— Está preso, seu bandido!

Dan não esperou mais. Atirou-se ao **sheriff** com vontade de amarrotá-lo de uma vez por todas, quando entra no salão aquele dentista a quem Dan salvara do assalto dos capangas.

— **Sheriff! sheriff!** — gritou ele — Não moleste o moço!

— É um bandido!

— Está maluco, homem! Esse rapaz é até um herói. Foi ele quem salvou nossas vidas, reconquistando a diligência já nas mãos dos salteadores!

Com a luta iniciada, Dan sofre a deslocação de um dente e, deixando o botequim onde se ia travando a batalha, vai até ao gabinete dentário de Doc a seu convite, afim de proceder á intervenção restauradora nos dentes do rapaz.

Estava ele sentado na cadeira sob os cuidados do dentista, quando entra Matt Lashan (Addison Richards) no consultório e é apresentado ao jovem andarilho.

— Lashan, apresento-lhe um jovem de grande valor.

— Com prazer...

— Você bem podia dar-lhe trabalho na fazenda.

— Se ele quiser... é só acompanhar-me.

— Aceito. Estou sem trabalho, não sei viver indolentemente.

Horas depois Dan seguia para a fazenda de seu novo patrão. Ia trabalhar como auxiliar em tudo o que se fizesse preciso. Até tirar leite das vacas, se lhe pedissem.

Mas, uma grande surpresa estava reservada ao rapaz. Dias antes, quando os dois amigos se separaram, teve Dan oportunidade de encontrar-se em circunstancias especiais, com a senhorita Mike King, filha de Durty, mal sabendo que mais tarde ele teria que ir trabalhar sob o mesmo teto onde vivia essa linda moça. A fazenda era do pai dela e Lashan era o capataz.

Mike se sente encantada com o acaso e o toma pelo braço e lhe mostra toda a propriedade, dando-lhe instruções sobre o trabalho, etc. Mas o jovem estava profundamente encabulado, embora... algo interessado na garota e no que se ia passando ali.

Dan, no mesmo instante em que foi apresentado a Lashan pelo dentista, não simpatizou muito com a cara do capataz de King. Aquela camarada parecia mais um chefe de bandoleiros do que um honesto e pacífico trabalhador rural.

Se essa foi a suspeita inicial de Dan, suas desconfianças avolumaram quando á noite chegou ao rancho onde dormiam os companheiros de Lashan.

Dan passou a vista pelo ambiente e reconheceu, com espanto, que alguns dos homens que estavam ali eram os mesmos que atacaram a diligência salva por ele. Estava, pois, com o pé na ratoeira.

Seria isso uma cilada contra sua vida? Sem ter tempo de raciocinar direito, Dan percebe que os bandidos também já o haviam reconhecido e identificado, nada mais

restando
senão tratar
de fugir á sa-
nha daqueles lo-
bos.

Um tiro partiu. Mais
outro e outros mais.

Os revólveres fusila-
ram entre lampejos de bala.

Dan, embora envolvido por
um grupo de assassinos bem ar-
mados, fez também uso de sua ar-
ma e conseguiu escapar com vida.

Mas os facinoras o perseguem
e lhe deitam a mão.

— Você agora não escapa, ma-
roto!

— Canalhas! Covardes! — Voci-
ferava o prisioneiro sem poder
reagir.

Dan é reconduzido para o antro
do bando vindo a saber então
de toda a verdade.

Estava fazendo parte de um
bando de salteadores de gado,

nada mais. O chefe é Lashan, que
dá todas as ordens e determina os
serviços dos seus homens.

Furtam o gado quando em boiadas
para o mercado consumidor, retêm-
no até que o preço suba suficien-
temente, ou tiram o couro deixando
a carne aos urubús, vendendo-o
por bom preço aos cortumes.

Os assaltos ao gado se tornavam
já tão frequentes, que os criadores
da região, alarmados com o ritmo
que ia tomando a calamidade, se
reuniram e formaram um **conselho
de guerra** para dar combate aos
bandoleiros. Dente por dente, olho
por olho.

A indignação era geral com os
bandidos que surgiam sem se saber
de onde e quem eram eles, qual
seu chefe, onde viviam.

Durante a ultima reunião dos
criadores, quando Durty falava aos
amigos, partem tiros através das
janelas do salão onde funcionava
a assembleia e o orador cái pesa-
damente ao solo, banhado em
sangue e já nas vascas da morte.

— Meu
pai! — gri-
tou sua filha
Mike, correndo
a ampará-lo em
seus braços.

Dan, que conseguira
escapar da malta de assas-
sinos e ladrões, vê a aglo-
meração e vai ver o que se
passa. Ali sabe o que acabava de
acontecer. Forma-se grande multi-
dão entre protestos e gritos de
vingança contra o bando de sal-
teadores do lugar, pedindo todo
mundo vingança contra tantos cri-
mes! Dan se mete no meio dos
manifestantes e se mostra visivel-
mente indignado também com o
desaforo dos cangaceiros de Lashan.
Ninguém estava, como ele, a par
do que se passava. Conhecia já
toda a quadrilha e seu esconderijo,
podendo apontar a dedo, um a

Conclue na pág. 30



A morte tragica

de

Carole Lombard



Clark Gable, esposo de Carole, ao lado de seu cão «Lord Reily».

A 17 deste mês trouxeram telegramas de Las Vegas para a imprensa do Rio a dolorosa noticia de que a formosa estrela de Hollywood, Carole Lombard, havia perecido, com vinte e tantas pessoas, passageiros e tripulantes de um grande avião, pouco depois de alçar vôo de Las Vegas rumo a Los Angeles. Como era de esperar, a noticia consternou a todos que vêm acompanhando a trajetória da artista. Carole viajava em companhia de sua genitora que também morreu no desastre. Ambas tinham ido a Indianapolis tomar parte numa campanha para a venda de títulos da Defesa Nacional, conseguindo Carole Lombard vender mais de dois milhões de dolares. O avião caiu eram mais ou menos 22 horas e meia, e somente no dia seguinte foi localizado e identificados todos os corpos. Clark Gable que estava no aeroporto de Los Angeles esperando ansioso sua esposa, sentiu grande choque e, imediatamente alugou um avião, indo a Las Vegas em busca de informações mais detalhadas da esposa. Infelizmente todas as noticias se confirmaram, e o astro teve que conformar-se com a sorte. Carole Lombard cujo nome verdadeiro era Jane Peters, nasceu em Fort Wayne, Ind. a 6 de Outubro de 1909. Tinha de altura cinco pés e 6 polegadas. Cabelos louros e olhos azues. Pesava 112 libras. Pais: Frederick C. Peters e Elizabeth Knight Peters, não profissionais. Estudou e se educou na «Virgil School». Era divorciada de William Powell, casando-se depois com Clark Gable com quem vivia em grande harmonia e inteira felicidade até ser surpreendida pela morte. Nunca atuou no palco. Sua vida artistica é exclusivamente cinematografica. Seus primeiros filmes datam de 1929. Fez cerca de cinquenta películas, sendo a ultima, «To be or not to be», distribuida pela «United Artists», devendo ser lançada nos Estados Unidos a 15 de Fevereiro proximo. Perde o cinema uma artista de real valor, não somente pela capacidade artistica, como pela sinceridade de sua conduta e atributos espirituais.



Carole Lombard, descansando entre cenas do ultimo filme exibido no Rio: «Não desejarás a mulher do proximo».



**Os modelos
exóticos de
Hollywood**



Vera West é uma criadora de modas, uma "expert" de elegância feminina nos estúdios da UNIVERSAL. Estas páginas mostram às nossas leitoras até que ponto chega o poder de imaginação das especialistas em modelos femininos em Hollywood, a capital do cinema que, desde muito, passou a ser também a ditadora da moda; todos estes vestidos, aparecem no filme "Hellzapoppin" da UNIVERSAL.

Da esquerda para a direita — EVELYN ATCHINSON apresenta este vestido próprio para recepções e banquetes. É executado em setim branco e negro, sobre o corpete uma original aplicação bordada de lentejoulas douradas. Amplo chapéu de veludo negro enfeitado por grandes penas.

PATSY BEDELL, com um original modelo de marquissete azul claro, inspirado nos trajes gregos. Os desenhos florais são feitos de pequenas perolas brancas.

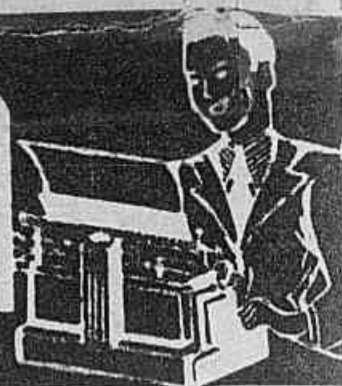
JEAN O'DONNELL, com um elegantíssimo modelo em setim negro. O exótico chapéu todo de penas brancas, combina elegantemente com o grande leque do mesmo material. Grandes luvas de renda de seda negra, deixando aparecer a metade dos dedos.

SANDRA JOLLEY, com um original modelo inspirado nos trajes dos cossacos. Este elegante vestido é de tafetá prateado, adornado por lindos arminhos brancos e um grande laço de lentejoulas douradas.

Quatro lindas sugestões para o carnaval



MANDE TAMBEM SUA CRITICA



A INFLUENCIA DO CINEMA

NORTE-AMERICANO

O cinema norte-americano já nos dominou de tal forma, e com tanta maestria, que, depois de assistirmos a verdadeiros "abacaxis", ainda temos coragem, para classificá-los de ótimos. Porém, se analisássemos bem certos filmes, veríamos milhares de imperfeições, tanto nas interpretações como nos cenários, filmes em que, arte, estética e sentimentos, passam longe, muito longe...

Há dias, fui assistir "Garota da 5.ª Avenida", com Ginger Rogers. Esta artista interpretava neste filme o papel de uma moça pobre, sem lar e sem emprego. Entretanto, ela apareceu trajando um lindo "tailleur", luvas, chapéu e bolsa; achei que este luxo, não combinava em nada com a situação que a mesma representava no referido filme; é um dos grandes defeitos dos produtores norte-americanos, julgarem que pobres moram em palacetes, trajam-se com apuro, etc., etc. E como este, muitos outros "abacaxis" Hollywood nos tem dado. Inferno Verde, Zanzibar, Safari, Nuvens sobre a Europa, Conflito de duas Almas, etc., são filmes que, encabeçados por artistas de fama, visam apenas o interesse monetário.

A maioria dos filmes americanos não são mais que repetições de outros, variando somente o título e os artistas. "Dentro da Noite" é um exemplo. O argumento é a copia fiel do filme "A Barreira", a que tive ocasião de assistir em Abril do ano passado, com Bette Davis e Paul Muni.

Nossos produtores nos poderiam apresentar películas muito superiores às de Hollywood, bastaria apenas: esforço e boa vontade, porque assuntos bons não nos faltam. Temos belíssimos romances, que, transportados à tela, fariam sucesso. Lindos cenários e ótimos artistas. "Aves sem Ninho", já marcou o primeiro "goal" (segundo as críticas que tenho lido) e outros virão, assim sucessivamente, e o cinema brasileiro passará, com ajuda de Deus, a ser o primeiro entre todos e superará, para sempre, a quantidade enorme de "abacaxis" norte-americanos, que está dominando cada vez mais...

Jandira Nunes

Belém — Pará.

UM CINEMA DO INTERIOR

Há na cidade de Tieté, Estado de S. Paulo, um cinema que é uma verdadeira exploração.

Sim... o cinema até não é ruim... é prédio próprio construído há um ano, aparelhos novos, tendo capacidade para mil pessoas.

Mas... os filmes exibidos nesta casa de diversões, é preciso ter estomago para assistí-los.

E' daqueles velhissimos filmes do Broadway Programa.

Filmes da afamada marca "Metro", só veem aqui depois que o Leão enguliu a metade.

E não é por falta de espectadores, que fazem isso, porque o cinema lota todos os dias.

A questão é que eles são "Pão Duro", e gostam de explorar o Público.

Além da gente pagar para assistir a esses retalhos de fita, ainda não se assiste direito.

Os operadores são uns verdadeiros "barbeiros", passam a fita fora do quadro, queimam-na e fazem um tropel todos os dias, e os empregarios nem fazem conta e ainda riem da gente.

E tudo isso por que? porque só há esse cinema na cidade.

E nós somos obrigados a Ver, Ouvir e Calar.

O Inimigo X

Rua do Comercio — Tieté — Estado de S. Paulo.

ESTE MUNDO LOUCO

Só agora foi exibido na Bahia este primoroso filme da "Metro". "Este Mundo Louco" tem todas as características do bom filme: desempenhado por artistas consagrados do cinema, que entendem, de fato, de cinema, e dirigido por Clarence Brown, um dos seus melhores diretores, não se podia esperar outra coisa de uma película que tem o seu principal valor na maneira como focalizar o estudo psicológico de dois tipos vulgares, dois seres comuns deste mundo louco que habitamos, fazendo as suas vidas nos interessarem sobremaneira, dentro de todas as incidencias que lhes ocorrem, entre o fim da outra guerra e o começo desta, ambiente em que se desenrola a fita.

Norma Shearer, como sempre, a divina dama do cinema. Magistralissima no seu papel que não é facil, de uma artistazinha de circo, que sonhava o sonho de toda artista, isto é possuir o seu nome de guerra em letreiros luminosos pelas avenidas e boulevards das grandes metropoles, pisca-piscando, como os olhos falsos da fama, entre o milcolorido das arterias chics, e que chega, com muita labia e muita mentira em que era especializada, a ser uma dama chic, "poseuse", com muito artificio na voz e nas "toilettes" e um sotaque russo para variar a humanidade e, principalmente, os tolos, que se embevecem pelas mulheres vampiras, cuja vida efemera é como a dos fogos de artificio. Norma Shearer é o centro dessa comedia esplendida, perpassada de cenas que fazem o espectador refletir em tanta realidade apontada como um escarneo aos brios das gentes honestas, como aquelas transações de armamentos para guerra, o fim da outra chacina, onde se vê, entre o entusiasmo da vitoria e as

bandeiras sacudidas pela vibração do armistício, tudo num ambiente saturado de alegria; o desfile dos que voltam do front, mutilados, em padiolas de dor e sangue; uns, sem braços, provocando o horror dos parentes, que se surpreendem com a desgraça, como o destino lhes devolve ao lar entes tão uteis e queridos; outros, de muleta, que é o estigma da guerra; e outros mais com a cruciante tormenta da procura de emprego e o desmantelamento da vida anterior, mais difícil de ser de novo organizada, enfim, as consequências do após-guerra e sua sequela. Edward Arnold, fazendo um desses abutres que compõem o "trust" de armamentos, para quem as guerras são verdadeiros paraísos, está ótimo. Clark Gable, o outro ponto principal da película, sobrio e num papel que lhe cahou como uma luva. Burgess Meredith numa pequena "ponta", discreta porém. Joseph Schildrauth, idem. O que mais salienta o valor de "Este Mundo Louco" é, sem favor, a segura direção de Clarence Brown. E' de uma sutileza evidente. Sabe aproveitar a imaginação em tudo: numa vista aerea, naquele bombardeio final, no fotografar as emoções humanas mais reconditas, como a passagem daquele jovem casal, recém-casado, sobre quem pairava a mais sombria expectativa de incerteza do futuro, ou na subserviencia daquele voluntario, que se alegra de uma farda, mas não se engana sobre que a guerra é cruel.

Por fim, o "amoroso" do filme se reata naquele final mais comovente do que comico, porque ninguem sabe que fim terão todos os personagens daquela historia, visto que a guerra ainda continua e o filme acaba quando uma nova vida começa para o magico Henry Van e a telepata Marouse (Gable e Shearer) antevendo, ambos, os seus famosos nomes coriscando em Londres ou Paris, ou onde quer que seja. Uma tragi-comedia fina, impressionante e bela, impossível de ser filmada com elenco inferior, mas capaz de elevar sempre o renome do cinema, como acontece, se interpretada por gente como os artistas supracitados e sob o pulso de um esteta como Clarence Brown.

Zoroastro G. Figueiredo

CIDADÃO KANE

Em que pesem abalizadas opiniões sobre este tão comentado filme, principalmente a sua tecnica, devo confessar, em bem da verdade, que nada vi de extraordinario nele. Não apresenta nada de novo. A sua direção, a interpretação de Orson Welles, si bem apreciáveis, não são suficientes para elevar "Cidadão Kane" á culminancia dos maiores filmes já produzidos até hoje, como alguns criticos mencionaram nas suas opiniões. Não se

trata de uma produção propriamente vulgar; pode-se, mesmo, considerar tal filme um bom filme. Só. Nada de exageros por um celuloide cujo precipuo objectivo do diretor, que é o mesmo ator Orson Welles, não se colimou. Isto é, talvez que ele imaginasse doar ao cinema algo verdadeiramente extraordinario, assombroso, epico, com a sua direção por vezes confusa, suas fotografias de metade, angulos diferentes, apanhados com a camera torta, ou do chão, para aumentar a imagem, ou com aquele misterioso de que é possuido todo o filme com aquela palavra "Rosebud".

Perdeu tempo, ao que me pareceu, o pequeno genio de New York, porque novidade não é atralhar, sem motivo nenhum, o espectador. O misterio que envolve o filme a respeito daquele trenózinho que tinha a marca do fabricante: "Rosebud" e que o Cidadão Kane, ao morrer, dele se lembrou ao pegar daquele "souvenir" com a nevasca se agitando dentro do globo de cristal, poderia ter sido melhor esclarecido ao publico, que é, aliás, apenas, quem fica conhecendo o segredo de tal palavra, a ultima dos labios de um moribundo. O filme quer ter aquele doce e magifico misterio de "Rebecca". Só que não o tem. A direção quis imitar a de Duvivier. Apenas, que não o consegue. O enredo pode ser muito interessante aos americanos do norte. Ao resto do mundo, não sei. E' inegavel que se trata de um bom filme, como dito, mas só isso. Há umas cenas de que muito gostamos e aqui salientamos: aquela que apanha do alto o museu em que se converteu o palacio onde morava Kane, com aqueles pacotes e aquelas embalagens em proporção grandiosa, a ponto de parecer uma vista aerea de uma grande cidade; outra: a em que aquele velho diz ao jornalista que há cousas neste mundo das quais a gente jamais pode esquecer, e cita uma jovem que ele, quando jovem tambem, viu por cerca de segundos, com a sua sombrinha branca, enquanto tomava um trem. Que nunca mais a esquecerá. Pura verdade. Outra: a fumaça, subindo da chaminé do palacio de Xanadú. Bonito, mesmo. Mas, são cousas muito comuns, muito chãs. Não tem, no filme, cousa alguma que o faça guardar para lembrar de futuro. E' uma dessas películas que muita gente diz que gostou com medo de se expressar contrariamente á maioria. Orson é, sem duvida, um grande ator. Como diretor, ao meu pequeno modo de ver cinema, deixa muito a desejar. Por vezes, eu tive a sensação de estar diante de um cerebro de louco, a rodar tanto a camera, a alternar tantas cenas, a fazer de tudo misterio, como aquela biblioteca horrivel, com aquela não menos horrivel e exagerada vigia, e a camera a perfurar como uma verruma, telha-

(Continúa na pagina 30)

Nome original: "Our Wife" — Filme da Columbia, direção de John M. Stahl. Origem: da comédia de Lillian Day e Lyon Mearson, adaptada por P. J. Wolfson.

ELENCO

Jerry Marvin — MELVYN DOUGLAS
Susan Drake — RUTH HUSSEY
Babe Marvin — Ellen Drew
Professor Drake — Charles Coburn
Tom Drake — John Hubbard
Dr. Cassell — Harvey Stephens
Hattie — Theresa Harris

A bordo de um navio que vai da California para Nova York, através do canal do Panamá, via-



co possuía certos atrativos que não podiam passar despercebidos nem mesmo a uma mulher consagrada á ciencia. Ao chegar ao Panamá, tanto seu pai como o irmão se empenham para que ela os acompanhe a uma visita a terra, se bem que ela houvesse decidido dedicar todo o seu tempo a estudos no camarote. Foi por isso que ela deu um suspiro de alivio quando a sirena do navio deu o aviso de que todos os passageiros deviam regressar para bordo, dando por findo o passeio. De volta ao navio, viu Susan que Jerry estava embriagado, trocando as pernas e indo em sentido contrario ao cais. Seu irmão e ela então, percebendo que ele ficaria em terra se não chegasse naquele momento ao navio, vão buscá-lo e, já estavam suspendendo a escada, quando conse-

A noiva de meu marido

jam Susan Drake (Ruth Hussey), seu pai (Charles Coburn) e seu irmão Tom (John Hubbard). Enquanto o papai e o filho Tom, e os demais passageiros gozam ruidosamente com as diversões e belezas naturais que oferece a viagem, Susan continua absorvida em seus estudos científicos. Sua viagem a Nova York não tem, na realidade, outro objetivo se não o de receber um ambicionado premio internacional por seus trabalhos acerca das novas teorias atômicas.

Alem disso, Susana é uma garota de caráter muito afetivo, sim-

pática e, sem duvida muito mais bonita do que poderia aparentar se não vivesse enterrada entre montões de livros e entregue permanentemente a ensaios científicos. Para ela os homens não eram mais do que pessoas do *outro sexo*, indispensaveis unicamente em materia biológica. Por esse motivo, foi ela a unica a ouvir sem nenhuma emoção, aquele terrivel grito de "homem ao mar!". Sem embargo, muito auxiliou o seu irmão Tom, a fazer voltar á vida o passageiro que esteve a ponto de afogar-se. O "ressuscitado" era um tal de

Jerry Marvin (Melvyn Douglas), famoso diretor de orquestra, que havia caído ás ondas, em virtude da grande dose de uisque que tomara. Todo mundo a bordo comentava esse caso e lamentava o estado de embriaguez a que se entregava comumente o passageiro Jerry, por motivos de desenganos amorosos. Até aos ouvidos de Susan chegara a historia de Jerry. Seu desgosto era motivado por haver sua linda esposa pedido divorcio, após ter-lhe feito gastar uma fortuna.

Cousa interessante, pensava Susan, quando achou que o musi-

guiram metê-lo no barco. Mas, ao levarem Jerry para seu camarote, ficaram estupefactos ao verificarem que o mesmo comodo estava ocupado por outros passageiros, sabendo Susan que Jerry ia mesmo ficar ali no Panamá...

Susan então começa a temer a possibilidade de ser acusada de sequestro de um homem; mas o musico estava tão bebedo que não percebe nada do que se estava passando com ele. A falta de melhor comodo, Susan e seu irmão resolvem acomodá-lo num divã que havia no camarote da moça. Ao despertar, pela ma-



drugada, com a cabeça ardendo e os sentidos turbados, Jerry acredita estar sonhando, até que verifica o embrulho e lamenta ter perdido o contrato que o levará ao Panamá. O unico recurso para não perder o negocio seria tomar um avião logo que o vapor tocasse em Havana. Quando Susan lhe fala, Jerry lhe diz palavras cheias de censura, reprovando-lhe o mau habito de intrometer-se na vida dos outros. Mas Susan lhe responde que mais feio costume é o de embebedar-se da maneira como ele o faz. O caso é que, ao chegarem ao porto de Havana, os estudos de Susan parecem absorvê-la muito menos do que dantes. Pela primeira vez um atomo toma diante dela as devidas proporções. Por sua vez Jerry se empenha para que a familia de Susan, quando todos estiverem em Nova York, vá visitá-lo constantemente. Ofereceu-lhes mesmo sua casa de campo, dizendo que, como vivia todo o tempo fora, eles poderiam residir ali sem molestar-se. Entre Susan e Jerry, já se manifestara todo o sintoma do Amor. Susan procurara corrigir o musico, e este parecia bem intencionado. O pai da moça e o irmão, ficaram desconfiados dos amores entre estes dois entes curiosos, quando Susan se despediu de Jerry no porto de Havana.

Quando chegaram todos á residencia de Jerry, ouviram meio desconfiados que alguém estava lá por dentro a tocar trombone. Foram ver o que era e ficaram assombrados quando viram que era o proprio Jerry quem estava ali, tendo chegado antes deles, de avião. O musico está trabalhando entusiasticamente na composição de uma sinfonia que merecera já á admiração de grande maestro. Susan o aplaude alegremente, e antes de estar terminada a sinfonia, os dois estão francamente enamorados. A satisfação de Susan é imensa quando se inteira de que a obra será estreada no "Carnegie Hall", sem suspeitar do que a espera quando outra senhora ler a noticia do acontecimento. E' a esposa de Jerry, a linda Babe (Ellen Drew) de quem Jerry esperava ter-se separado pelo pedido de divorcio. Mas já agora Babe pensava ter agido precipitadamente. Supondo que o marido tenha recuperado a fama e a popularidade, ela não quer perder mais uma oportunidade para aproveitar-se do dinheiro que ele irá novamente ganhar. Babe então se prepara num "chic" perturbador e corre até á casa de seu marido afim de pedir-lhe perdão. Embora dizendo a Jerry que estava certa de que não poderia viver sem ele, o musico lhe responde que essa particularidade já não lhe interessava, e que ela pode dar o fora apesar de todos os seus encantos fisicos e modos provocadores para retomarem a vida anterior. Para que Babe não perdesse mais tempo, Jerry lhe apresenta Susan como sua futura esposa. Susan não acredita no que Jerry lhe afirma; porém se presta ao papel, com intenção de tirá-lo de apuros. Babe, que não desejava render-se tão facilmente, simula uma queda e lá se vai de escadas abaixo, ficando impossibilitada de andar, fingindo haver fraturado as pernas. Jerry fica sinceramente consternado e não tem a coragem de cometer a crueldade de mandar embora a pobre "inválida". Babe chora de emoção.

Os medicos são chamados e recomendam repouso. Depois, aconselham que ela dê um giro por terras semi-tropicais com o que recuperaria facilmente a antiga forma. A propria Susan, compadecida, lhe presta dedicada assistencia. Isto vai até o dia em que Susan observa que a *doente* usara um carmin que estava em toucador muito distante para que uma pessoa paralitica pudesse ir buscá-lo com suas proprias pernas. Desde esse dia, Susan começou a suspeitar da sinceridade de Babe e uma luta começou a travar-se surdamente entre elas. Como Susan não tinha provas bastantes, não queria denunciar a grotesca simulação de Babe, tanto mais que ela mesma julgava que tal mistificação causasse ao bom Jerry, cruel desgosto. Então Susan experimenta uma serie de "tests" para provar que Babe está fingindo. Até fogo na casa ela provoca; mas a *paralitica* percebe o "truc" e continua sem movimento nas pernas. Todos os recursos imaginados por Susan falharam lastimavelmente. Susan então se dá por vencida. Mas... um ratinho inocente, sem nenhuma cumplicidade de Susan, consegue a vitoria desejada. Quando, certa ocasião, está Babe deitada, um camondonguinho arisco surge inexplicavelmente no quarto; e a *paralitica* que deixara a cama nos braços de Jerry quando se manifestou incendio na casa, agora grita por socorro e pula da cama com a agilidade de uma acrobata de circo... Estava desmascarada. Jerry a manda embora. Vem o divorcio, e ele, ao lado de Susan, vão fazer a viagem de nupcias, ao invés de Jerry gastar dinheiro com a excursão de convalescença da linda mistificadora.

Tio Urubú

(Continuação da página 10)

O teiú saiu então devagar e se arrastando, para que não fosse visto por alguém que andasse

a caçar. Chegando á beira da estrada, escutou, não ouviu rumor de passos. E para enganar quem, por acaso, chegasse até ali, fez um grande *arrastador!*

O dono de certo cão vinha de certa jornada e observou o rasto que era fresquinho na estrada.

Quando o teiú escutou a voz estranha do cão, *quebrou o corpo para trás, e meteu o pé na carreira*. Corria desesperadamente em procura da morada, e o cão já latia muito perto da rabada.

O sapo estava relendo a solfa, a cantar ao pé da porta e não reparou os apuros em que o compadre vinha. Este chegou de repente e no sapo, de mãos postas, tamanha queda ele deu, que quasi lhe rachou as costas. Rasgou-se o papel da solfa e o lencinho do rapé, e jogou o menstrel lá no fundo do buraco.

E, muito aflita, a gritar, saiu correndo a gia:

— Eu ainda estou de resguardo, e entras já em pancadaria!...

— Pois não vi que o teu compadre vinha lá muito vexado.

Não há de tardar aí chegar o cão agoniado. Dona gia, mulher minha! O cachorro está na porta, e o compadre *leva a breca!*

— Hum! Isso pouco me importa (porta!)

— Senhora ladra, alto lá! Asquerosa, pé de gancho, é assim que quer pagar a hospedagem do meu rancho?

Chegou o cão. Pôs-se a cavar e pegou o teiú pelo rabo, com muito pouco trabalho, e disse, cantando na mesma toada dos outros:

— Paciencia! Tens de pagar o novo e o velho! Os meus (pintos) tu não hás de mais furtar.

E deitou-o fora do abrigo. E o teiú gritou, cantando:

— O fero quer me matar! Acuda-me, dona gia!

E a companheira do sapo:

— Salve-se como puder.

Vou-me embora p'rá Bahia.

Porém, visto o sucedido, e sendo boa a moradia, nunca mais dali saiu o sapo mais dona gia.

E *Tio Urubú*, que presenciou todas as cenas da morada do teiú, de cima de um joazeiro onde ficara pousado, de monoculo e claque, grasnou, sorrindo e cantando:

— Esta é uma boa lição.

Digam que sim ou que não.

Mas, pelo visto afinal,

o bem se paga com o mal.

E, observando o casal de sapos que chegou á porta da morada do teiú, sem lha dar confiança, *Tio Urubú* cantou zombeteiramente, para os amofinar:

— No sertão do Cariri

havia um sapo casado.

Na sêca de 34

quasi que morreu torrado.

Determinou se mudar,

levando consigo a gia.

Sai o casal, caminhando,

em procura da Bahia.

Nas matas de Pajeú,

quasi na encosta da serra,

deu á casa de um teiú,

todo coberto de terra.

E o sapo e a gia deram mucochos, e, *nem como couva*, entraram sem dar trôco a *Tio Urubú*.

Estavam muito importantes!

A CENA MUDA

A MAIS ANTIGA, COMPLETA E LUXUOSA REVISTA CINEMATOGRAFICA DO BRASIL

Correspondente em Hollywood — VICTOR SABUNI

Propriedade da

COMPANHIA EDITORA AMERICANA S. A.

Diretor: GRATULIANO BRITO

OS TRABALHOS ASSINADOS SÃO DE RESPONSABILIDADE DOS AUTORES

Assinatura (52 números)

BRASIL — Porte simples:

Assinatura anual 50\$000

Semestre 26\$000

REGISTRADA:

Assinatura anual 67\$000

Semestre 34\$000

ESTRANGEIRO

Assinatura anual 135\$000

Semestre 70\$000

Número atrasado 1\$500

Rua Visconde de Maranguape, 15

RIO DE JANEIRO

B R A S I L

TELEFONES:

Direção 22-2622

Redação 22-4447

Administração e

Publicidade 22-2550

Endereço telegráfico:

"Revista"

SUCURSAL EM SAO PAULO

Largo do Paissandú, n.º 124 —

Telefone 4-6070

BAHIA — Joaquim M. Cunha

— Praça Castro Alves, 79.

PARANA — Gerson Gomes

Lustosa (correspondente) —

Hotel Metrópole — Curitiba.

RIO GRANDE DO SUL — Ad-

mar Lobato — Agência Publif

— Rua Siqueira Campos, 1159

— Sala 6.

ESTADOS UNIDOS DA AME-

RICA DO NORTE — S. S. Kop-

pe & Cia. — Times Bldg. New

York City.

AFRICA ORIENTAL PORTU-

GUESA — D. Spanos — Caixa

Postal 434, Lourenço Marques.

URUGUAI — Moratorio & Cia.

— Constituyente 1746,

Montevideo.

Este número consta de 32

páginas

O ALMANAQUE EU SEI TUDO

para 1942 contém, a par de notas interessantíssimas sobre todos os assuntos de ciência, artes, história e lendas, artigos especiais que são particularmente curiosos para a Marinha, Clero, médicos, músicos, zoólogos, botânicos, aviadores, mecânicos, ocultistas, espíritas etc.

Adquira desde já seu exemplar em qualquer livraria ou banca de jornais.

Preço: 5\$000 no Rio, e 6\$000 nos Estados, isto é o mesmo de antes da guerra.

Pedidos para a redação:

MARANGUAPE, 15, RIO,

pelo sistema de reembolso

postal ou mediante o envio

de vale do correio.

CAVALEIROS DA MORTE

13.º E 14.º EPISODIOS

“A PONTE SINISTRA” E “LUTA DE MORTE”

Apesar de estarem em má situação, Jim e Mary conseguem fugir e juntos armam uma defesa contra os bandidos, que vendo a inutilidade dos seus esforços, desistem do assedio e retiram-se.

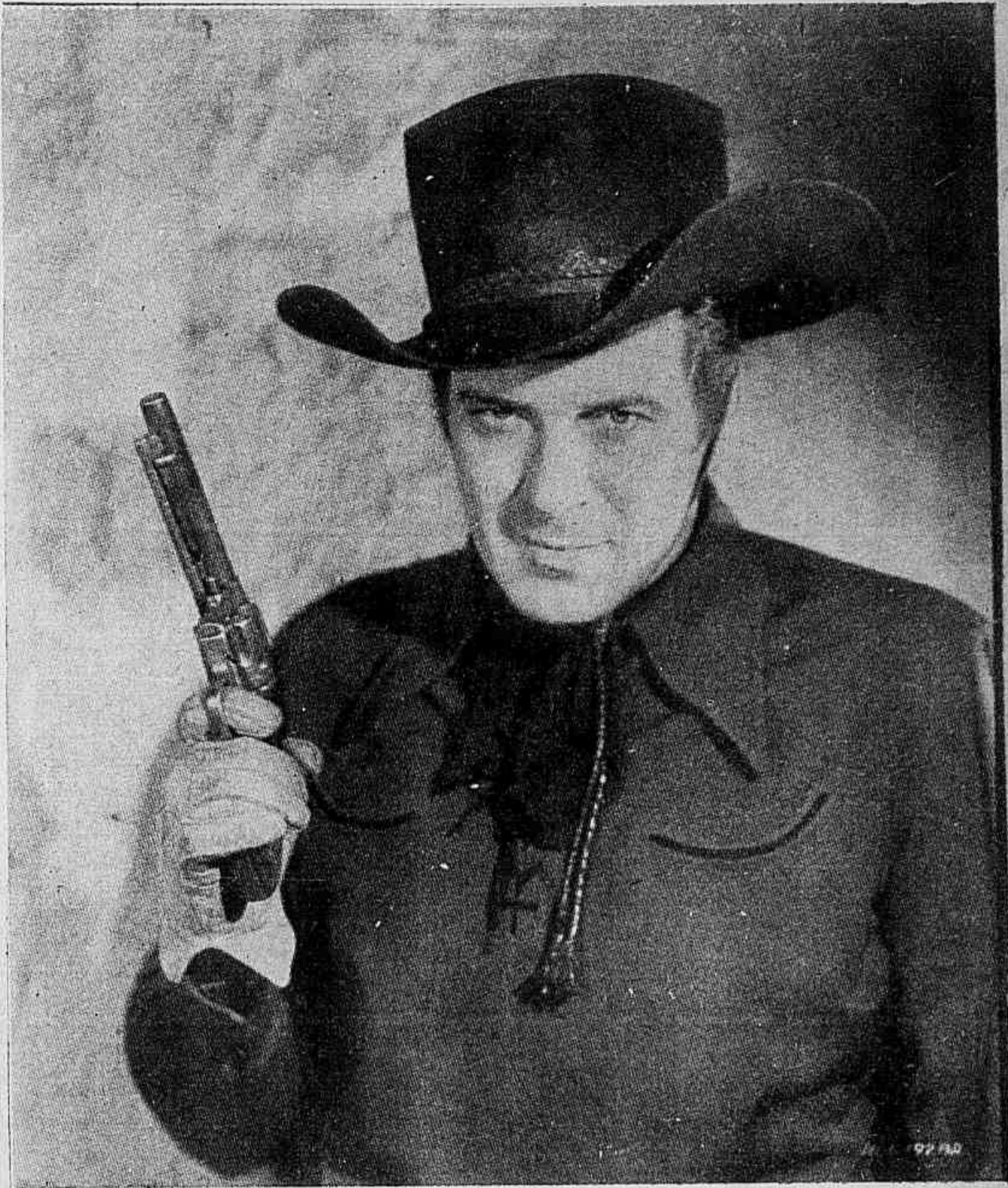
Wolf julga ser suficiente que Jim não obtenha o empréstimo com o Banco; deixa então Butch guardando a mina e vai para Panamint falar com Kirby para pedir novas instruções.

Kirby por sua vez querendo impedir de qualquer jeito que Jim entregasse o minerio na fundição, visto que se Jim conse-

guisse isto não necessitaria mais do empréstimo, ordena a Davis que prenda Jim, custe o que custar.

Davis, cumprindo as ordens de seu chefe, vai em perseguição de Jim e Tombstone; os dois amigos escapam de Davis, mas são vistos por Wolf e sua quadrilha, que vão ao seu encalço, obrigando-os a se refugiar em num d'el sf de'ro, durante uma grande tempestade, que provoca a destruição de uma ponte por onde passavam Jim e Tombstone, mas eles nada sofrem.

Para afastar Wolf e seus ho-

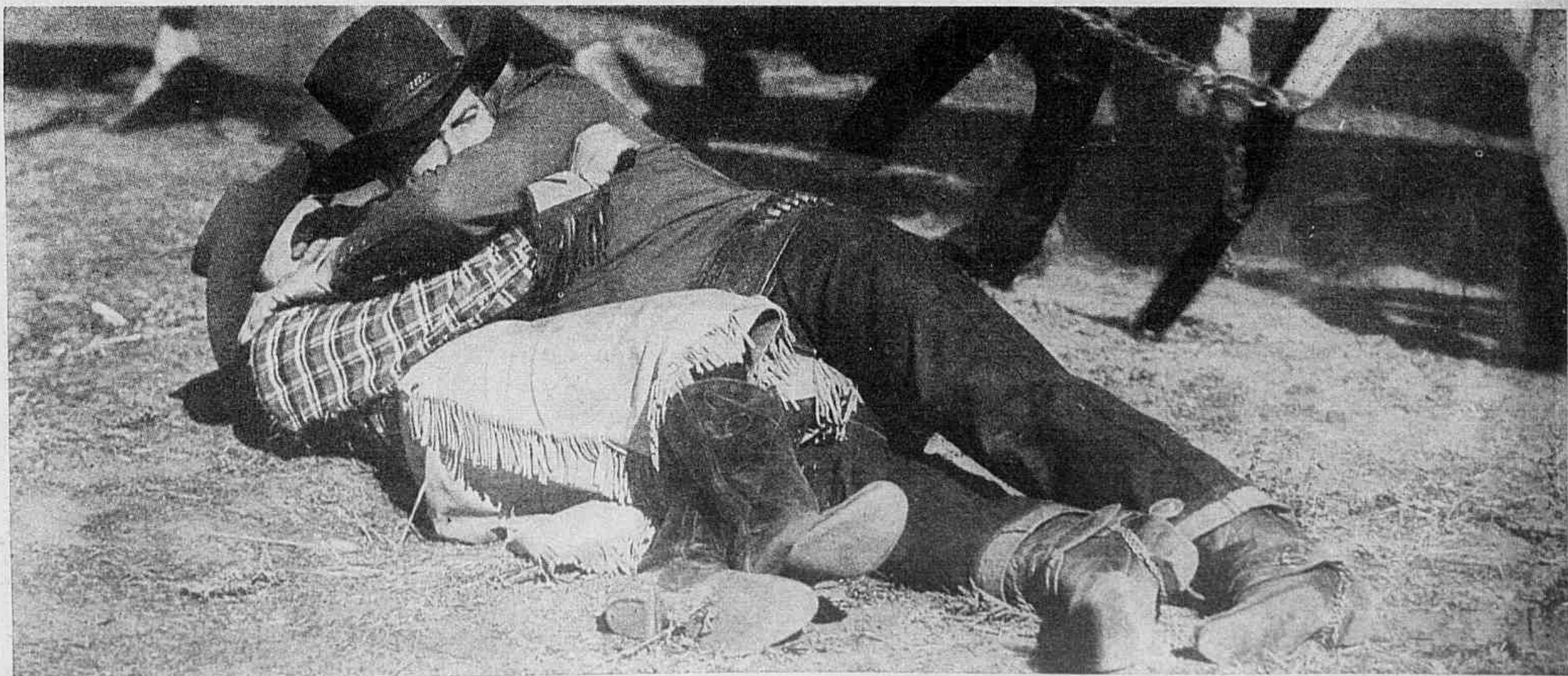


mens, Jim e Tombstone contornam o “Passo da Morte” e mandam Cactus a Panamint contar a todos que eles dois haviam descoberto um rico veio de ouro em uma mina que ainda não fôra explorada. Os bandidos prendem Cactus e forçam-no a revelar a sua missão; Cactus diz tudo e ainda onde ficava a imaginaria mina. Os bandidos, de posse de todas as explicações, organizam uma expedição e vão á procura do ouro prometido. Kirby no entanto descobre tudo, e, in-

dignado com aquele logro, trata de organizar um novo e poderoso ataque que desse cabo de Jim, Tombstone e de todos os Cavaleiros da Morte.

Durante o poderoso ataque os bandidos vão se infiltrando entre os Cavaleiros, e Wolf, vendo Jim entrincheirado no desfiladeiro, covardemente ataca-o pelas costas; virando-se depressa, Jim luta com Wolf mas não consegue evitar que ambos rolem pelo desfiladeiro abaixo.

Continúa





ROBERTO MORENO (Rio) — Sua Veronica Lake é mais retrato do que caricatura. Veja se nos manda *caricatura*.

LENITA (S. Paulo) — Richard Greene está na Inglaterra. Não saiu ainda no Album. Sonja Henie está em nossa edição de 2/1/940; Deanna Durbin, na de 13/2/940; Tyrone Power, na de 5/9/939.

ALVARO FIGUEIREDO (Rio) — Charles Boyer tem de alto 5 pés e nove polegadas. Não é verdade que a maioria dos astros de Hollywood seja de pouca altura. Veja com atenção os galãs que surgem nos filmes. Não temos fotos dos artistas de seu pedido.

CARLOS FIGUEIREDO (Rio) — Barbara Stanwyck está no Album, edição de 24/7/941; Carole Lombard, na de 29/4 do mesmo ano. Em Abril, Maio e Junho, saíram no Album os seguintes artistas: Claudette Colbert, Eleanor Powell, Ginger Rogers, Honna Massey, Martha Scott, Madeleine Carroll, Maureen O'Hara, Martha Beth Hughes, Ralph Bellamy e Signe Hasso. Rosina Pagã e Nilza Magrassi ainda não saíram e não sabemos quando poderão sair. Não temos os seus endereços. A guerra não prejudicará o intercâmbio entre o Brasil e os Estados Unidos. Logo... Todos aqueles filmes estão esgotados em nossas edições. Ana Lee nasceu na Inglaterra. Não diz a data.

GIL BRANDÃO (Recife) — Recebemos. Aguarde.

CIRENIO CALABO (B. Horizonte) — Sua observação seria aceitável se não houvesse um ligeiro obstáculo. Como sabe o amigo, há duas medidas para o pé métrico: 55 e 50 e meio centímetros. O pé inglês é menos do que de outros países. Assim, ao invés de, arbitrariamente convertermos tais medidas em vulgar, preferimos conservar o que está sempre nas biografias originais dos astros e estrelas: tantos *feet* e *inches* (pés e polegadas) sem reduzir a metros nossos. Não acha justo o nosso escrupulo? Quanto ao peso, há o mesmo embaraço. Uma libra tem menos de 500 gramas, com uma fração milesimal. O melhor é mesmo deixar como vem de lá escrito. Quanto às iniciais a que se refere, nunca reparei nisso.

Antonio Oliveira (Cruzeiro) — Ann Sheridan trabalha na «Warner», o mesmo sucedendo com Bette Davis. Sonja Henie é da «Fox». Vivien Leigh está na Inglaterra. Judy Garland pertence à «MGM». A tradução daquela carta é a seguinte: «Caro amigo. Queria aceitar meus agradecimentos pela remessa de sua carta.

Tais mensagens nos merecem muito. Meu próximo filme é «Comrade X», no qual trabalho com Clark Gable, e, por isso me sinto muito feliz. Mais uma vez agradecimentos. Sinceramente, (assinado) Hedy Lamarr.»

Maria Rosaria Jannuzzi (Rio) — Recebeu os numeros 919 e 934? Nada tem que agradecer-nos pelos pequeninos serviços prestados. Ainda não publicamos fotos daquele artista na capa desta revista. Queira dizer-nos se deseja aquelas traduções ao pé da letra, ou os nomes que deram, no Brasil, aos mesmos filmes. Como sabe, nem sempre se adota para os filmes estrangeiros, nome em português em tradução literal. Bonita Granville trabalha nos estúdios da Metro, por intermédio dos quasi poderá escrever-lhe. Bette Davis, no início de sua carreira, trabalhou num filme com o nome «Ponte de Waterloo» (Waterloo Bridge) em 1931. A película era da «Universal» e foi lançada no «Pathé-Palácio», com o seguinte elenco: Mae Clark, Kent Douglas, Doris Lloyd, Bette Davis, Enid Bennett, Frederick Herr. Diretor: James Whale. Como vê, Bette Davis era artista de segunda categoria, sendo o principal papel feminino, entregue a Mae Clark. O mais, aguarde. Se nos esquecermos... lembre sem nenhum acanhamento.

Magnolia (Rio) — Estão esgotadas as edições daqueles filmes.

Jenny da Silva (Rio) — Logo que organizarmos novo filme infantil, você será convidada. É conveniente ir sempre acompanhando «A Cena Muda», para apresentar-se quando estivermos fazendo as primeiras chamadas.

Zulmira (S. Paulo) — A Cinedia é uma Sociedade Anônima. É considerada a maior organização cinematográfica do país e uma das maiores da América do Sul. Depende do que os acionistas decidirem. «Romance Proibido» com Milton Marinho e Lucia Lamur está paralizado.

Fã de Joan Crawford (Pelotas) — Aqui vão as respostas: 1) — Renato de Alencar; 2) — Aqui ficam registrados os seus parabéns ao Mario Antunes, Luiz e Polo, diante daquelas paginas sobre Joan Crawford; 3) — Não sabemos ainda qual o próximo filme a rodar; 4) Logo que tivermos retratos do casal Tyrone Power, estará atendida; 5) — Errou completamente naquela sua suposição. Não é nada disso, «menina».

COUPON

QUE DEVE ACOMPANHAR CADA CONSULTA

Nome.....

Data da consulta.....



Formosa BANDIDA

(Conclusão da pág. 22)

um, todos os responsáveis por esses crimes vergonhosos.

Vendo o jovem ali também, Mike se mostra muito mais interessada por ele do que em qualquer outro momento.

De subito, surge no meio da multidão a figura de Windy Miller, aquele cidadão que, certa vez, em Abilene, protegera a Dan e a seu companheiro Tod Ramsay.

Windy reclama que conseguiu trazer a estrada de ferro áqueles lugares remotos, mas, infelizmente, todo o seu esforço não pudera ser recompensado pelos habitantes dessas regiões beneficiadas, pois que raramente conseguia levar gado pela estrada de ferro. Propunha-se a conduzir todo o gado a dois dolares por unidade.

Fez algumas propostas que já iam sendo aceitas, quando se ouve uma voz conhecida de Dan, que sugeria:

— Proponho que os proprios estancieiros entreguem seu gado na estação mais proxima, com o que economizarão vinte dolares por cabeça.

Era Tod, o velho e inseparavel amigo de Dan quem falava.

Já estavam todos dispostos a enfrentar a quadrilha de bandidos, quando Dan e Mike não resistem mais e se entregam aos transportes do amor. Estavam louquinhos um pelo outro. Não era mais possivel dissimular o estado da alma em que viviam desde aquele memoravel encontro no campo, e logo depois, alimentado pela ida de Dan para a fazenda de seu pai.

Depois de longos beijos, o rapaz lhe falou:

— Vamos casar, Mike?
— Agora mesmo, se fosse possivel...

Enquanto brotava entre esses jovens uma nova vida cheia de ilusões e venturas, os maiores da quadrilha procuram reajustar a articulação do bando, de maneira que nada transpirasse e eles pudessem conseguir novas colheitas nos assaltos das estradas.

Naquela mesma noite, no gabinete dentario de Doc Thorpe, seus comparsas Lashan e Windy Miller se reuniram para deliberar. Como vêm os leitores, o *santinho* e bondoso Windy, não passava de desavergonhado gatuno. É o dentista? Outro chefe de quadrilha, agindo á vontade sem despertar nenhuma suspeita ao mais arguto investigador policial.

— Que devemos fazer agora? — Perguntou Doc.

— Antes de tudo, temos que nos livrar do perigoso Dan... Sugeriu Lashan.

— Não! Você está louco? — Interrompeu Doc.

— Como? Quer protegê-lo, Doc?

— Nada disso. É que Dan é muito querido do publico e seria um golpe errado se caissemos na tolice de procurar eliminá-lo. Além disso ele é muito sagaz e não ficamos muito surpreendidos se já estiver ciente de que todos nós somos uma só organização.

E prossegue:

— Agora o que temos de fazer é apenas isto: levar o gado pelas estradas até o ponto que combinarmos para o assalto. Assim, Windy deve voltar a Abilene, enquanto Lashan acompanhará a boiada. Tod, de forma alguma poderá ir nessa viagem, ou acompanhar qualquer um com a boiada.

DESPERTE A BILIS DO SEU FIGADO

Sem Calomelanos—E Saltará da Cama Disposto Para Tudo

Seu fígado deve derramar, diariamente, no estomago, um litro de bilis. Se a bilis não corre livremente, os alimentos não são digeridos e apodrecem. Os gases incham o estomago. Sobrevem a prisão de ventre. Você sente-se abatido e como que envenenado. Tudo é amargo e a vida é um martyrio.

Uma simples evacuação não tocará a causa. Nada ha como as famosas Pillulas CARTERS para o Fígado, para uma acção certa. Fazem correr livremente esse litro de bilis, e você sente-se disposto para tudo. Não causam dano: são suaves e contudo são maravilhosas para fazer a bilis correr livremente. Peça as Pillulas CARTERS para o Fígado. Não aceite imitações. Preço 3\$000

Enquanto os bandidos acertavam seus planos, Tod e Dan decidiam enfrentar a situação da seguinte maneira: Tod ia para Abilene, e Dan viajava para Nova Orleans, afim de investigar a verdadeira situação do mercado de carnes.

Mike sente profunda saudade só em pensar que o seu amor vai passar varios dias longe dela; mas... era a situação que assim determinava, e o jeito que ambos tinham era o de aceitar as vicissitudes da sorte. Dan prepara todo o plano e, conseguindo a adesão de muitos dos proprios capangas de Lashan, faz voltar todo o feitiço contra o feitiço e consegue vender o gado. Wendy e Lashan atiram para matá-lo; mas é Dan quem fusila Windy Miller. Lashan alveja-o; agora é Tod quem salva a vida do amigo, como já este uma vez lhe salvara a sua. A luta prossegue tremenda e do violento duelo entre Dan e Lashan, resulta ambos caírem sem vida.

Doc Thorpe é também eliminado. Está destruida a quadrilha. Mike, perdendo todo o seu interesse naquele logar já agora cheio de recordações, abandona o Texas em companhia de Tod, que se retira para longe, levando nalma o travo pungente da saudade do seu fiel companheiro e amigo Dan Thomas, morto gloriosamente na defesa de seu amor e da ordem publica.

CIDADÃO KANE

(Continuação da página 26)

dos e tudo mais, enfim, um filme que quis primar pelo exotismo e pende fortemente para o ostracismo. Além de tudo, como enredo, nunca vi coisa mais sensaborã. Interessante é que o filme em comentario, embora puxe pela cabeça, sem motivo, aliás, para isso, verdadeiro tipo da fita sinapismo, ninguém pense que não o entendi. Minhas palavras traduzem apenas uma opinião sincera. Foi como apreciei um dos mais famosos filmes em confusão, complicação e mesmice.

Zoroastro G. Figueiredo

TERCEIRA DIMENSÃO



Quando o jantar oferecido por Gary Cooper estava em meio, os "gangsters" o atacaram, para evitar seu casamento com Barbara Stanwyk.



A situação continuava perigosa.



Sob a ação dos "gangsters", os professores procuravam uma solução para tanta encrenca por causa de um casamento.

"Ball of Fire" é um grande filme da "RKO", cujo elenco se compõe de grandes nomes do cinema: Gary Cooper, Barbara Stanwyck, Oscar Homolka, etc. Mas o curioso destas fotografias está no grande progresso técnico alcançado pela objetiva. Dantes, quando se focavam cenas em dois planos, os objetos no primeiro plano saíam nítidos, mas, no fundo, tudo saía embaçado ou "fora de foco". Agora não se dá mais isto, o que aproxima a objetiva, da "terceira dimensão fotografica".



CIA · SOUZA CRUZ

Epoca